

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

JÉSSICA ALVES MARTINS

FICÇÃO E HISTÓRIA EM *O CONTINENTE*

Porto Alegre

2017

JÉSSICA ALVES MARTINS

FICÇÃO E HISTÓRIA EM *O CONTINENTE*

Monografia apresentada como pré-requisito para a conclusão do curso de graduação em licenciatura em letras com ênfase em língua portuguesa e literaturas de língua portuguesa, língua espanhola e literaturas de língua espanhola.

Orientador: Prof. Dr. Luis Augusto Fischer

Porto Alegre

2017

RESUMO

Este trabalho analisa o tomo *O Continente*, integrante da obra *O tempo e o vento* de *Erico Verissimo*, a partir de discursos de historiadores e estudiosos que exploram algumas questões históricas presentes nesta ficção. Há uma abordagem sobre aproximações e distinções entre história e literatura, visto que ambas estão conectadas durante o enredo de modo que uma perderia sua força ficcional sem a presença da outra. Para comprovar este vínculo, há a análise de determinados personagens e suas relações com a história: os protagonistas Pedro Missioneiro, Capitão Rodrigo Cambará, Dr. Carl Winter, Licurgo Cambará e as passagens históricas missões jesuíticas, Revolução farroupilha, imigração alemã, abolição, república, revolução federalista, respectivamente, são os assuntos abordados. O objetivo desta pesquisa é apontar e contextualizar a possível visão do autor sobre tais fatos históricos presentes na obra, uma vez que o escritor teve a intenção de contar a história do Rio Grande do Sul de modo mais aproximado à realidade comparado ao narrado pelos meios oficiais até então.

Palavras-chave: *História. Literatura. O Continente. Erico Verissimo.*

RESUMEN

Este trabajo analiza el tomo *O Continente*, integrante de la obra *O tempo e o vento* de *Erico Verissimo*, a partir de discursos de historiadores y estudiosos que exploran algunas cuestiones históricas presentes en esta ficción. Hay un abordaje sobre aproximaciones y distinciones entre historia y literatura, visto que ambas están conectadas durante el enredo de modo que una perdería su fuerza ficcional sin la presencia de la otra. Para la comprobación de este vínculo, hay el análisis de determinados personajes y sus relaciones con la historia: los protagonistas Pedro Missioneiro, Capitán Rodrigo Cambará, Dr. Carl Winter, Licurgo Cambará y los pasajes históricos misiones jesuíticas, revolución farroupilha, inmigración alemana, abolición, república, revolución federalista, respectivamente, son los asuntos abordados. El objetivo de esta investigación es el apunte y contextualización de la posible visión del autor sobre estos hechos históricos presentes en la obra, una vez que el escritor tuvo la intención de contar la historia de *Rio Grande do Sul* de modo más aproximado a la realidad comparado al narrado por los medios oficiales hasta entonces.

Palabras claves: *Historia. Literatura. O Continente. Erico Verissimo.*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	HISTÓRIA E LITERATURA	11
3	MISSÕES JESUÍTICAS E PEDRO MISSIONEIRO	19
4	CAPITÃO RODRIGO CAMBARÁ E A REVOLUÇÃO FARROUPILHA.....	27
5	CARL WINTER E A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO SUL DO BRASIL	38
6	LICURGO E ABOLIÇÃO, REPÚBLICA E REVOLUÇÃO FEDERALISTA.....	51
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS:.....	67
	REFERÊNCIAS:.....	69

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo principal fazer um estudo sobre personagens e momentos históricos proeminentes que foram retratados em *O Continente*, primeira parte da trilogia *O tempo e o vento*, do consagrado escritor gaúcho Erico Verissimo. Será feita uma análise de quatro personagens masculinos por dois motivos: eles têm papel decisivo no livro, porque cada um é representante central no enredo em diferentes períodos e, ao mesmo tempo, retratam momentos também centrais na história rio-grandense.

Preliminarmente, será feita uma discussão sobre as relações entre história e literatura, na qual aponto determinadas aproximações e distâncias entre as áreas, porque estão ambas completamente ligadas na obra que iremos analisar do cruz-altense, o qual, enquanto dispôs um cenário e personagens fictícios no palco principal, decorou com passagens históricas seu plano de fundo. Nesta ponderação inicial, quatro questões serão analisadas; as duas primeiras tratam de uma abordagem mais abrangente da relação entre história e literatura, e as duas últimas apresentam o percurso feito pelo autor em *O Continente*, primeiro tomo de *O tempo e o vento*.

Sinteticamente, as abordagens do capítulo inicial que comparará literatura e história serão as seguintes: em primeiro lugar, nem sempre houve consenso sobre a possibilidade de haver ou não conexão entre os campos da ficção e da história, visto que cada um deles, a princípio, concentra-se em elementos próprios de sua área e, enquanto o primeiro se serve do que poderia acontecer, o segundo reproduz fatos verídicos. Em segundo lugar, a criação de um enredo e a pressuposição de leituras são aspectos que aproximam o universo literário do histórico, por serem essenciais em ambos, assim como em qualquer produção escrita, para que o texto possa promover uma contextualização coerente.

Na terceira distinção entre as duas áreas, abordarei uma questão específica do autor, a saber: Erico se definia como simples contador de história, dessa forma, obteve maior liberdade em compor sua ficção e inserir nela a história que não é contada na escola regular, podendo associar a literatura e os fatos reais que constituíram o percurso do estado. A última abordagem desta análise propedêutica refere-se ao fato de o autor ter tido a intenção de desmistificar a história do estado, construindo a figura mítica do gaúcho através do personagem Capitão Rodrigo Cambará¹, e, com isso, demonstrou que a trajetória gaúcha, pelo

¹ No capítulo 4 do presente trabalho será feita uma análise deste personagem.

menos na literatura, poderia dispor de uma visão menos ufanista e desencantada quando levado em consideração o panorama verídico².

Posteriormente, será iniciado o estudo principal do presente trabalho, que se refere à reconstituição do percurso histórico de alguns personagens masculinos de *O Continente* e a importância deles na estrutura do romance. O objetivo é verificar a visão histórica que o cruzaltense deixou na literatura para as suas futuras gerações, em especial sobre questões de identidade, ou seja, será discorrido sobre as peculiaridades de determinados grupos que colaboraram para a formação da província no séc. XIX a partir dos seguintes contextos: a primeira análise será sobre a contribuição jesuítica para a miscigenação do povo sul-riograndense e o papel representativo dessa etnia na literatura através do personagem Pedro Missioneiro.

A seguir, serão examinadas as contradições e discordâncias sobre a revolução farroupilha, mais extenso confronto do estado com o centro político do país, e a representatividade do gaúcho que esteve nesta e em outras batalhas que configuraram o delineamento do estado, o que formou o protótipo masculino deste povo e é demonstrado na literatura através do Cap. Rodrigo Cambará. Adiante, haverá um diagnóstico sobre a importância da imigração na constituição social do estado, a tentativa de conservação identitária do imigrante e sua inevitável assimilação. A partir da voz do Dr. Winter, o leitor tomará conhecimento da perspectiva de Erico Verissimo quanto ao modo que os estrangeiros viam a sociedade gaúcha e a forma que os nativos os viam.

Por fim, serão apreciadas quais foram as tensões históricas que repercutiram em três momentos decisivos não só para o estado, como para todo o país, o qual influenciaram diretamente na lógica de organização social, política e capitalista do Brasil no fim do século XIX, a saber: a abolição da escravatura, a república, e, poucos anos depois, a explosão da revolução federalista. Este estudo verificará algumas das diferentes opiniões que havia sobre estas questões históricas sem precedentes para o território gaúcho e como foram ficcionalizadas, tendo como figura principal o personagem Licurgo Cambará.

Erico Verissimo, muito respeitado, conhecido e traduzido em mais de 13 idiomas, é considerado por uma de suas maiores estudiosas, Regina Zilberman³ (1990), um escritor que compõe sua ficção numa zona de transição, em que os lugares sociais dos personagens estão

² No Capítulo *Rodrigo Cambará e a revolução farroupilha*, no presente trabalho, serão direcionados percursos sobre a trajetória ufanista e desencantada da figura do gaúcho.

³ ZILBERMAN, Regina. *O romance em zona de transição*. BORDINI, Maria da Glória (Org.). **Erico Verissimo o escritor no tempo**. Porto Alegre: Sulina, Secretaria municipal de Cultura, Acervo literário de Erico Verissimo/CPL/PUCRS, 1990, p. 46.

sendo trocados, já que aquele que a princípio detém o poder periodicamente o perde, ao passo que o desafortunado vai crescendo socialmente até alcançar certo prestígio na trama ficcional. É importante serem destacadas a rota que o escritor trilhou e o contexto em que os principais personagens estão imbricados para poder percorrer melhor as questões identitárias presentes na obra.

Esta percepção de troca de lugar social pode ser alcançada pela trajetória dos personagens masculinos de *O Continente*: o enredo ocorre desde Pedro Missioneiro, sem raiz familiar e sem um pedaço de chão seu, que passa a viver de favor e submisso às ordens dos Terra, que inclusive decidem a sua morte, até Licurgo Cambará, homem progressista, dono do Angico e do Sobrado e figura de referência nas questões políticas da então cidade de Santa Fé. Enquanto isso, temos a linhagem rival dos descendentes do índio vindo das missões, os Amarais, que construíram Santa Fé com terrenos concedidos do governo por sesmarias. Eram, portanto, os mandatários daquele povoado que cresceu a cada dia, mas perderam seu trono com o surgimento da República, que, dentre outras questões, deixava nas mãos do povo a escolha de seus representantes. No meio do caminho ao leitor são apresentados homens como Pedro Terra que vive num espaço cedido e mesmo que tenha adquirido sua própria casa, perde-a por má sorte.

Por sua vez, há figuras centrais no enredo que não estão evidentemente pertencendo a esta ascensão ou declínio social, como o médico imigrante, Carl Winter, que é o representante dos novos ares que chegam àquele povoado miscigenado com açoriano/ índio/ negro, o qual rechaça a ideia de gerar raízes naquele lugar retrógrado, mesmo que acabe por criar. Além dele, o leitor conhece o personagem Capitão Rodrigo Cambará, homem guerreiro que representa a força dos limites territoriais, mas se assenta atrás de um balcão de armazém e conduz seu próprio negócio, mesmo que com certa má vontade. Há também no enredo Bolívar que, por intermédio do casamento, passa a ser patrão, sem, no entanto, ter tempo hábil para governar o espaço de conquista, pois sofre uma morte prematura, deixando tal legado a seu filho⁴.

A intenção é apresentar uma visão de parte do material composto por nosso mais reconhecido escritor gaúcho do século XX, tanto dentro de todo o país, quanto no exterior, cujas publicações são ricas em conhecimento da origem do povo sulino numa perspectiva encantadora e bastante realista. *O Continente* retrata uma realidade envolvente, com uma linguagem fluente, o que permite que o leitor embarque nas questões ali colocadas, se

⁴ Embora haja outros personagens que não fazem parte desta ascensão ou declínio social, optou-se em comentar apenas os mais representativos na história ficcional.

identifique com os personagens e acabe os estimando, indiferentemente do seu nível de leitura, pois o que muda é apenas a forma como são interpretadas e feitas algumas conexões da obra, no entanto, o encantamento não se perde em nenhum dos casos. Coincidentemente parte deste estudo corresponde a minha primeira leitura voluntária aos 15 anos, o que me provocou desconcerto, encantamento e um vazio quando finalizei a leitura, e desde lá soube o ramo de estudo que seguiria na minha vida profissional: a da história e literatura.

2 HISTÓRIA E LITERATURA

Inicia-se tal trabalho a partir da discussão entre literatura e história por dois motivos: primeiro, o argumento central da análise proposta, como já disse, é apurar a visão que Verissimo nos deixou sobre passagens históricas do Rio Grande do Sul e verificar a representação de personagens fictícios que, enquanto viviam suas questões amorosas e familiares, tiveram como plano de fundo um ambiente bélico. Tais personagens compuseram uma sociedade que se construía enquanto surgia uma inserção imigratória e um lento, mas constante, desenvolvimento científico, acontecimentos os quais fizeram parte da constituição histórica do estado e que farão parte desta exploração. A segunda razão para tal abordagem se dá porque o próprio autor defende que qualquer texto literário sofre uma influência histórica, pois está inserido num determinado ambiente, não existindo, portanto, um discurso aistórico, o qual não tenha absolutamente nenhuma relação com a realidade, visto que inclusive a história chamada alienada se influencia por fatos verídicos.

Comparado à abordagem histórica, Erico Verissimo enfatiza em seu enredo a trajetória dos personagens fictícios e, no plano de fundo, insere ocorrências e personagens verídicos para complementar a composição do texto, tramando uma ligação entre contexto real e o ficcional, de modo que este perderia sua força caso aquele fosse excluído. Embora o autor siga por esta linha de raciocínio, não a segue taxativamente, pois defende que o ficcionista não deve tentar sobrepor na literatura o papel de um historiador. Ele afirma utilizar a história apenas em alguns momentos:

É muito perigoso para o romance quando o autor sabe coisas demais sobre uma região ou uma época histórica. Sua tendência é usar tudo que sabe, isto é, atravancar as páginas do romance com móveis e utensílios, etc. [...] Não tenho qualidade de historiador. O aparecimento eventual de vultos e fatos históricos em meus romances vale como um selo de autenticidade para as minhas ficções. Marcam a época com seus dramas ou comédias políticas.⁵ (1973 citado BORDINI, 1995, p. 94 - 95)

Pesquisas em documentos históricos e contato com outras abordagens literárias, ambos materiais externos à produção, são determinantes para o traçado do enredo criado por este escritor gaúcho, mas não são mais importantes que o elemento interno que ele se vale para compor seus romances: sua criatividade e suas próprias vivências (BORDINI, 1995). Sobre estas experiências empregadas na composição de *O Continente*, Maria da Glória Bordini comenta que o autor de 'O tempo e o vento nunca deixa de enfatizar que essa matéria advinda

⁵ D'AGUIAR, Rosa Freire. Erico Verissimo, um solo de clarineta. **Manchete**. Rio de Janeiro. N. 1111, 4 ago. 1973, p. 30-6. Entrevista.

da realidade sempre sofre o processo do “despistamento” para se tornar ficcional’⁶ (1995, p.135)

Segundo Aristóteles, conforme explica Carina Postinger (2008), a obra artística tem como objetivo representar o possível (verossímil) e não o historicamente verdadeiro, elemento externo ao texto. Deve-se fazer a verificação interna da trama, ou seja, levar em consideração uma organização interior da construção mimética, baseada nas relações de causa, lógica e necessidade do enredo o qual faz da obra um todo coeso, uno e exclusivo. Portanto, o que dá relevância a uma boa estrutura ficcional é o arranjo adequado dos personagens referente ao espaço, ao tempo e à própria reação de cada um em determinadas situação, não a simples comparação com o mundo.

A título de exemplo sobre os antecessores de Verissimo que também se valeram da mescla entre ficção e fatos históricos, encontra-se Homero (aproximadamente século VIII a.c.), o qual em seu poema épico *Ilíada* (1874), ao narrar parte da guerra de Troia numa mistura entre a narração de um acontecimento histórico e a influência de forças superiores de deuses, tem-se uma produção que ora é tomada pela criatividade do autor, ora descreve fatos que realmente ocorreram. Outro exemplo, posterior à composição do poeta grego, é a epopeia de Basílio da Gama, *O Uruguai* (2009), texto produzido no século XVIII, em que narra a guerra guaraníca com a inserção de elementos ficcionais, como, por exemplo, bucolicamente descrito, o momento da morte de Lindoia.

Em *O Continente*, estas passagens imagéticas também são constitutivas, uma vez que Verissimo procura fugir da pura historicidade dos fatos ao inserir, por exemplo, elementos externos à contribuição histórica, pois não tem compromisso com a realidade factual, apenas com a sua realidade ficcional. Por isso, se lê as premonições de Pedro Missioneiro sobre a morte de Sepé Tiaraju, mesmo estando longe dos campos onde se encontrava o guerreiro, ou quando precocemente sabe de sua própria morte, ou ainda no momento em que uma índia ressuscita e garante aos seus companheiros ter visto o céu, deus e nossa senhora quando estava morta, embora o narrador não dê créditos ao discurso da mulher. (VERISSIMO, 2013)

O crescimento da distância que se estabeleceu entre história e literatura se deu a partir do século XIX, em que aquela passou a ser uma categoria científica, já que descrevia com impessoalidade ocorrências passadas. Esta, por sua vez, era apenas a composição de um ambiente ficcional que narra estórias que não existiram na realidade e estava vinculada a

⁶ BORDINI, Maria da Glória. **Criação literária em Erico Verissimo**. Porto Alegre. L&PM Editores, 1995, p. 135.

critérios subjetivos do autor e, portanto, não era considerada ciência. Bertussi analisa estas distinções a partir do argumento de Alencar Júnior⁷:

no século XIX, os discursos da História e da Literatura estavam fortemente separados porque não se considerava que o imaginário pudesse ter status de cientificidade. Por outro lado, as técnicas realistas e positivistas, usadas pela História, davam pouco relevo à figura do historiador-autor e sua participação subjetiva no processo de leitura da realidade. Acreditava-se então que, enquanto o poeta fazia uma leitura pessoal do passado, o historiador deveria preservar a “pretensa verdade”. (1978 citado por BERTUSSI)

Assim como há estudos feitos por respeitáveis figuras que rechaçaram a ideia de relacionar a literatura e a história – uma delas é nada menos que Aristóteles, um dos precursores em separá-las conceitualmente, conforme explana Bruno Brizotto⁸ (p.5) – há quem defenda que houve restrições na produção de Erico Verissimo em alguns momentos ao compor *O tempo e o vento* quando, ao inserir o quadro histórico, *o cronista se substitui frequentemente ao romancista*⁹ (2005, p.44). Segundo Carlos Moraes¹⁰,

O romance de fundo histórico oferece múltiplas insídias. Uma delas é a de violar, por uma retroação da nossa mentalidade, a psicologia da época. Pode-se conceber, na metade do século XVIII, um sentido pictórico da paisagem como o que se empresta a Alonzo à página 30? Não será demasiada antecipação utilizar a ideia de “revolução”, na mente de dois jesuítas, no sentido que a mesma só adquiriu no fim daquele século? (MORAES, 2005, p. 44)

No entanto, o que dá forças ao texto é mais a contribuição contextual dos fatos ocorridos e o êxito do autor em proporcionar ao seu leitor as sensações e as imagens mentais da época descrita em uma forma geral, e menos os detalhes que passam despercebidos pela maioria de seus leitores porque tem pouca relevância no contexto do enredo. Não se deve interpretar um romance histórico como documento historiográfico, pois aquele tem como álibi a ficção, o que o torna possível de ser um dos materiais de consulta do passado, mas não seu registro fiel. Chaves¹¹ argumenta que

Se é de literatura que se trata, não devemos buscar a História; temos que encontrar a sua historicidade (...) O texto literário não interessa à História enquanto transcrição, mas enquanto instauração de seu significado. (CHAVES, 2004, p.13)

⁷ JUNIOR, José Leão Alencar. **História como ficção**: a confecção narrativa da história da literatura. Revista de letras, Ceará.: Ed. da universidade de Ceará, 1990/ 1993. v.1, 1978

⁸ BRIZOTTO, Bruno. **O entrecruzamento entre história e literatura**: o caso de “Lenço encarnado”. Revista ideias, Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul.

⁹ MORAES, Carlos Dante. A tradição Rio-Grandense na obra de Erico Verissimo. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.) **Caderno de pauta simples**: a literatura de Erico Verissimo e a crítica literária. Porto Alegre: Instituto estadual do livro, 2005, p. 44.

¹⁰ MORAES, loc. cit.

¹¹ CHAVES, Flávio Loureiro. A história vista pela literatura. In: BATTISTI, Elisa (Org.); CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). **Cultura regional: língua, história, literatura**. Porto Alegre: Editora EDUCS, 2004, p. 13.

Não obstante, embora a arte literária não seja a História, ela faz história, visto que, a partir dela, o receptor do texto pode ser influenciado por aspectos sociais presentes na obra, porque mesmo a ficção não tendo compromisso com a verdade, quem a produz faz parte de um universo social compartilhado e pode ser porta-voz de uma pluralidade de visões de mundo. Em outras palavras, a literatura auxilia o estabelecimento da compreensão do leitor, repercute no comportamento social e, dessa forma, o leva a uma percepção de seu universo. (ARENDETT; CONFORTO, 2004)

No século XX, houve novos estudos que passaram a defender a articulação entre as ciências humanas, sendo permitida reflexão sobre seus diversos campos, como comentam Nayara de Oliveira e Márcio Fernandes (2013). Uma das novidades que reestruturou este cenário são as concepções de Jacques Le Goff e Pierre Nora¹², conforme comentários feitos pelos analistas acima citados, que explicam sobre o conceito de verdade, o qual perpassa por elementos externos à sentença que é proferida, por exemplo, e por isso deve ser relativizado. O significado de uma premissa depende do enunciador e do ambiente em que é pronunciada, pois a intenção de quem a proclama influencia diretamente naquilo que é dito, de modo que a mesma afirmação pode ser abordada de várias maneiras, muitas delas até contraditoriamente.

A posição social e o conhecimento prévio do sujeito também são relevantes, visto que o indivíduo pode ter contato com determinadas concepções ou ocupar um espaço que o permita formular ponto de vista distinto do já disseminado ou proferido em outra realidade, bem como lhe permita estabelecer interpretações irônicas, por exemplo. Em outros termos, *a história depende das concepções de quem a constrói*,¹³ (2013) assim como ocorre na própria ficção, que é capaz de ser atribuídos diferentes significados do mesmo texto em distintos momentos históricos (CHAVES, 2004), comprovando a plasticidade interpretativa dos documentos escritos.

A história, então, passou a ser vista não como verdade absoluta, pois quem a conta defende ideologias e sempre a reconstituirá a partir do seu presente e de suas experiências pessoais, conforme explica Lebvre¹⁴ (1989 citado por BERTUSSI, 2004), portanto, passa a ser permitida maior aproximação entre as concepções que antes, por oposição, eram definidas como a narração do que aconteceu de fato e aquilo que hipoteticamente poderia existir. Carina Postinger concorda com tal visão de que a história e a literatura *são textos narrativos*,

¹² ENCONTRO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA. N. 7, 2013, Paraná. **A construção da identidade heroica na personagem capitão Rodrigo Camará na obra o continente, de Erico Verissimo.** Centro-Oeste: Universidade Estadual do Paraná, 2013.

¹³ *Ibidem*, p 9.

¹⁴ LEVBRE, Lucien. Combates pela história. 3. ed. Lisboa. Presença, 1989. 264 p.

*pressupondo um narrador num contexto social, político, econômico e cultural, recebendo a influência deste contexto e possuindo intencionalidade.*¹⁵ (2008, p.176)

Um exemplo disto é o nome dado à chegada dos portugueses ao Brasil que foi usado por muito tempo como sendo o *descobrimento*, vocábulo que perpassa por uma visão conservadora colonial e que é encontrada na maioria dos livros didáticos. Atualmente já se discute o sentido deste termo por alguns historiadores e muitos deles já o substituíram, ao narrar este episódio, por *chegada* dos portugueses no Brasil ou *invasão* lusitana, pois se passou a analisar este acontecimento com os olhos daqueles que já estavam nesta terra com seus hábitos e cultura e não entenderam que fora descoberta em 1500.

Erico pôs na sua obra, através do personagem pe. Lara, a relativização da verdade nas descrições dos eventos históricos, uma vez que ela perpassa por ideologias de quem as profere, como já foi comentado, e se sabe também que *uma só versão é insuficiente para dar conta da complexidade de qualquer evento.*¹⁶ (2005, p. 270) Lê-se em *O Continente*¹⁷:

O pe. Lara sabia como era custoso obter informações certas. As pessoas dificilmente contavam as coisas direito. Mentiam por vício, por prazer ou então alteravam os fatos por causa de suas paixões. Cenas da vida cotidiana que se tinham passado sob o seu nariz, ali mesmo na praça de Santa Fé, eram depois relatadas na venda do Nicolau numa maneira completamente diferente. Como era então que a gente podia ter confiança na história? (VERISSIMO, 2013, p. 285)

Dentre outras aproximações entre história e literatura, duas são altamente relevantes não só para a presente análise, como para a confecção ou estudo de qualquer produção escrita. A primeira refere-se à constituição de um enredo ao compor o texto ficcional ou verídico, pois, independentemente de serem áreas com objetivos diferentes ou que possam estar traçadas num contexto semelhante, ambas precisam compor uma trama para que possam fazer sentido. Nesse raciocínio, a *historiografia não se diferenciaria do romance, pois ambos são narrativas onde os eventos só fazem sentido no interior de um enredo*¹⁸ (1997 citado por BRIZOTTO, p.7). Ou seja, a literatura necessita construir o ambiente que sua criação vai ser gerada e a história busca-o em documentos antigos, ambas, portanto, são modos de contar um episódio.

¹⁵ BALZAN, Carina Fior Postinger. **Carl Winter: um alemão em Santa Fé**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2008, p. 176.

¹⁶ MARINHO, Maria de Fátima. Os interstícios da História em O tempo e o Vento. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). **Caderno de pauta simples: a literatura de Erico Verissimo e a crítica literária**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2005, cap .20, p.270.

¹⁷ VERISSIMO, Erico. **O tempo e o vento** parte I – O Continente vols. I e II. 4 ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2013, p. 285.

¹⁸ DECCA, Edgar de. O que é romance histórico? In: AGUIAR, Flávio (Org.). **Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário**. São Paulo: Xamã, 1997, 392 p.

A segunda aproximação entre as duas áreas é a pressuposição de leitura, porque enquanto na história necessita de incansáveis pesquisas, na literatura, exige-se uma análise da realidade, das produções anteriores ou do assunto que se quer expor na ficção. Encaixa-se aqui nosso autor gaúcho com maestria ao compor não só esta obra inicial de *O tempo e o vento*, mas também suas produções anteriores e posteriores a partir de um rigoroso esforço investigativo.

Em *O continente*, o cruz-altense engaja o romance na contextualização de 150 anos do percurso histórico do extremo sul do Brasil, desde a primeira página até seu encerramento, partindo da delimitação física da província de São Pedro até a revolução que foi consequência de uma modificação política sem tamanho no país. Todo este panorama social foi possível após diversas leituras do autor em pesquisa do nosso passado. Bordini¹⁹ sobre essa abordagem explica:

Esse modo de conceber a literatura e sua história pressupõe no avalista um requisito de que o praticante da historiografia em geral também não pode prescindir: o da leitura. Só um leitor polimorfo, universalista, reúne condições de estabelecer relações entre sistemas sociais e literários tão diversificados, indo do próximo ao distante no tempo e no espaço e descobrindo identidades e contrastes originais, sem um treinamento acadêmico específico. (BORDINI, 1995, p. 42)

Porém, o elemento que mais aproxima estas duas áreas é o objetivo final de ambas: dar sentido à existência humana. Enquanto a história investiga o passado para explicar nossas origens e poder averiguar o percurso evolutivo do ser humano, a literatura procura, por meio do imaginário, explorar o indivíduo em seus múltiplos aspectos, conforme argumenta Deca²⁰ (1977 citado por BERTUSSI, p. 116).

É nesse contexto polifônico que Erico compõe o seu mais bem-acabado romance, se descrevendo desde suas primeiras obras como simples contador de histórias, porque assim possui mais liberdade de composição, de entranhar-se nela quando achar válido e pode contar e recriar a história com a perspectiva que lhe convier no panorama ficcional. Cristiane Eugenio comenta sobre esta autoafirmação de Verissimo²¹:

não é só o fato de Erico Verissimo definir-se como um contador de histórias, mas o modo como escreve e interpreta os fatos do mundo. Erico é uma espécie de Narciso confesso, que dialogando com sua imagem diante do espelho, apresenta os fatos para depois aprofundá-los, usando a mesma estratégia narrativa de um contador de histórias. (EUGENIO, 2015, p. 11)

¹⁹ BORDINI, op. cit., p. 42.

²⁰ DECA, Edgar. O que é romance histórico? In: AGUIAR, Flávio et al. (Org.). **Gêneros de fronteiras**: cruzamentos entre o histórico e o literário. São Paulo: Xamã, 1977.

²¹ EUGENIO, Cristiane de Oliveira. A **manifestação do mítico em “O Continente I”**: da construção da narrativa à caracterização das personagens. Revista Signo, Santa Cruz do Sul. v. 40, p. 92-110, n. 68, dez. 2015, p. 11.

Flávio Loureiro Chaves, citado no estudo de Cristiane de Oliveira sobre o tema, argumenta a questão de Erico se considerar um contador de histórias e defende que *contar a história é um ato do homem solidário, origina-se na observação rigorosa do real, captando-o em sua essencialidade, e visa a problematizá-lo, tanto na perspectiva do narrador, quanto sob a do leitor* (EUGENIO, 2015, p. 9).

O escritor cruz-altense planejou constituir na ficção a história da organização do estado numa imagem distinta da apresentada nos livros didáticos, que narrava guerras sem sentido e construía uma imagem de gaúcho que não condizia com o povo sul-rio-grandense, nem com documentos históricos investigados por ele. A intenção do escritor era compor um quadro mais entusiasmante, e, ao fazer esse protesto contra a representação vigente, estaria *contando uma história*²² (1991, p.45). Verissimo²³ (-- citado por BORDINI, 1995) julgava o percurso do Rio Grande do Sul mostrado nos compêndios escolares

desenxabido e prosaico, onde parecia haver mais cavalos que seres humanos, mais guerras e correrias sem sentido do que coisas capazes de criarem no aluno o orgulho de ser gaúcho.

A literatura se propôs, desde o romantismo, principalmente depois da Independência do país, a construir uma identidade do gaúcho para se distanciar das inspirações europeias, ou seja, o índio e o gaúcho como representantes heroicos se encarregaram de separar o brasileiro do português e de propiciar uma identidade nacional à colônia. Sobre esta questão, Cláudia Wagner (2012) explica que a criação de um mito contribuiu para a autoafirmação do povo brasileiro que não tinha de onde buscar um retrato representativo, porque estava só. A partir da análise de Erich Fromm²⁴ (1992 citado por WAGNER, 2012), a investigadora argumenta:

a identificação de um ídolo – neste caso, o gaúcho com um ser mítico – se torna muito importante para a criação da identidade de um povo. Essa identificação se intensifica ainda mais na medida em que esta população passa por muitos traumas durante a fase de sua construção.

No século seguinte à Independência, Verissimo retoma a história do estado gaúcho diferentemente dos padrões até então contados, que se formara através do ponto de vista do colonizador e, em uma de suas novas interpretações, substituiu o gaúcho guerreiro, honrado e sedutor pelo Cap. Rodrigo Cambará, um homem atraente que veio de muitas guerras, mas que era afeito a bebidas, a jogos, a mulheres e não tinha aptidão para o trabalho monótono do

²² CHAVES, Flávio Loureiro. **História e literatura**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1991, p. 45.

²³ Rascunho de entrevista sobre *O tempo e o vento*, adaptada com perguntas manuscritas por Erico Verissimo, de possível prefácio inédito a *O arquipélago*.

²⁴ FROMM, Erich. **A descoberta do inconsciente social**: contribuição ao redirecionamento da psicanálise. São Paulo: Manole, 1992. 176 p.

campo, características *contrárias ao código de honra*²⁵ (2012, p. 6) do gaúcho. Sobre essa questão, Claudia Wagner²⁶ (2012, p. 7) esclarece:

Ao longo do romance, Erico Verissimo retrata algumas atitudes do Cap. Rodrigo que são dignas de um personagem mau caráter e que ferem o código de honra continentino, o qual preza, principalmente, pela bravura e pela virilidade dos gaúchos.

Em *A manifestação do mítico em “O Continente I”*, Cristiane de Oliveira²⁷ (2015, p.4), ao desenvolver o argumento de Azevedo, comenta sobre a imagem que se tem de gaúcho, o qual

tem como alicerce as percepções do passado, onde o ambiente rural e os fatos históricos mostram a nostalgia e a sensação de que antes era melhor. Essa imagem de “bairrismo” pode criar uma representação falsa de si mesmo. Para o autor, esse exagero de orgulho e confiança dos gaúchos para com os gaúchos não significa uma realidade e sim, um desejo de realidade, pois é assim que eles gostariam que fossem, assim que se sentem.

Chaves (1991) argumenta que *O Continente* aproxima-se de uma antiepopéia, porque sugere a desconstrução dos antigos ideais heroicos que se perverteram em tirania e dominação, além de ser um romance histórico²⁸, o qual é o gênero literário *mais antigo e contínuo da ficção no Brasil*²⁹ (2007, p.10), pois desde a formação inicial da literatura brasileira nos primeiros anos de colonização houve um projeto nacional dos escritores que buscou, por meio do sentimento nacional de se diferenciar de imposições do império português, promover a construção de uma identidade própria a partir dos intelectuais literatos.

Este panorama inicial, em que algumas relações entre história e literatura foram expostas, buscou apresentar elementos externos ao enredo abordado a fim de auxiliar os receptores do romance e estudiosos da literatura de Erico Verissimo a mergulhar na leitura desta ficção, usufruir suas nuances e buscar interpretar as intenções do cruz-altense, às quais empreendeu num projeto extenso de arquitetura social e histórica do estado a partir de uma visão inovadora e o executou com grande êxito.

²⁵ WAGNER, Claudia Raquel. **O mito do gaúcho e sua desconstrução em *O Continente***: uma análise do personagem Capitão Rodrigo Cambará. Revista desenredos, Teresinha, p. 1-9, n. 13, abr./jun. 2012, p. 6.

²⁶ Ibidem, p. 7.

²⁷ EUGENIO, 2015, op. cit., p.4.

²⁸ Ou seja, não havia a intenção de retratar um episódio ou um personagem lendário ou histórico, como ocorre numa epopeia.

²⁹ AQUINO, Ivânia Campigotto. **A representação do imigrante alemão no romance sul-riograndense**: A divina pastora, Frida meyer, Um rio imita o reno, O tempo e o vento e A ferro e fogo. 2007. Tese (Doutorado em literatura brasileira, Portuguesa e Luso-Africana). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p.10.

3 MISSÕES JESUÍTICAS E PEDRO MISSIONEIRO

Este capítulo objetiva analisar em “A fonte” como o índio foi representado e qual seu lugar historicamente, contrapondo a realidade e a ficção, dueto nunca deixado de lado na composição de Erico.

Verissimo poderia ter construído sua história sem a presença aborígine, mostrando a formação do estado apenas com representantes luso-brasileiros, no entanto, armou um laço entre esses e os índios das missões e, por esta decisão, demonstrou seu posicionamento frente a debates historiográficos em voga sobre matrizes ideológicas na época da produção de *O Continente*. Conforme explica Eliana Pritsch (2005), havia um grupo de historiadores com posicionamento puramente lusitano, pois supunham que o RS havia sido construído por luso-brasileiros, e existia um grupo platino, que alegava haver a presença de vizinhos hispânicos no tronco étnico do RS.

Em outras palavras, o primeiro círculo defendia que a origem racial, cultura e a configuração histórica do extremo sul do Brasil decorreram apenas da descendência bandeirante, portuguesa, indígena e açoriana, ou seja, argumentava que a nossa origem nada teve a ver com a dos castelhanos. Segundo este grupo, as missões (e, por consequência, parte do povo indígena) prestavam contas à coroa espanhola, o que as impedia de ser representantes da formação étnica brasileira, visto que, para os lusitanos, *fronteira é uma linha que divide radicalmente os territórios, não havendo uma faixa de transição e de interpenetração*³⁰ (2005, p.3). Já o círculo platino replicava que o povo rio-grandense surgiu principalmente a partir da miscigenação entre índios (os missioneiros inclusive), negros e portugueses, além da participação castelhana, como já comentado.

No entanto, estes conceitos passaram por tantos questionamentos e contradições que inclusive um mesmo historiador chegou a mudar de posição, como foi o caso de Aurélio Porto, que, a princípio, defendia a posição platina e passou a adotar as ideias lusitanas, pondo-se, por questões ideológicas, políticas e pessoais, a favor da nacionalidade, cujo discurso excluía os castelhanos da composição racial do povo gaúcho. Ieda Gutfreind (1998) cita parte das ideias deste estudioso - quando este já começava a passar pela fase de transição - em que explica que os descendentes de espanhóis deixaram bastante carga cultural, porém, influências, como a origem genealógica e a questão vocabular, ocorreram por deslocamento cultural da península ibérica, responsável também pela origem do tronco espanhol americano.

³⁰ PRITSCH, Eliana Inge. “A Fonte”, em *O Continente*: Fundação Histórica e Literária. Ciênc. let., Porto Alegre, n.38, p.76-94, jul./dez. 2005, p.3.

Os colonizadores portugueses, portanto, influenciaram linguística, étnica e culturalmente tanto os rio-grandenses como os vizinhos sul-americanos.

Para resumir os argumentos e mudanças de análise deste historiador, trago sua conclusão: a fonte em comum entre os gaúchos e os platinos foram o indígena. Porto (1935 citado por GUTFREIND, 1998, p.47) descreve os aborígenes da seguinte forma:

Do índio, através do gaúcho do campo, do gaudério das coxilhas, do garrucho primitivo, nos vêm a altivez indomável do caráter, os pendores inamoldáveis de liberdade, o poncho, a guaiaca, o chimarrão, o churrasco, o laço, as boleadeiras, o amor entranhado aos pagos, e ao cavalo, companheiro de todas as horas de deslinda e de glória.³¹

No entanto, a herança cultural dos aborígenes não foi unanimemente aceita, uma vez que, por exemplo, em *Missões: reflexões e questionamentos*, José Catafesto de Souza (2016), defendeu o contrário ao dizer que a historiografia oficial reduziu os Guaranis a figuras do passado, os quais deixaram pouco mais do que o chimarrão como cultura para seus descendentes. Esta redução como um assunto histórico periférico se deu porque os sete povos das missões prestavam contas à coroa espanhola e integravam os 30 povos das missões, localizado na província do Paraguai, como já comentada neste trabalho. Percebe-se, portanto, as contradições e conflitos presentes na época de confecção da narração e também o que Erico decidiu explorar em seu romance histórico.

Em sua ficção, o cruz-altense apresentou ora a visão de um, ora a visão de outro grupo, de acordo com o que melhor se ajustava à narrativa, uma vez que iniciou a história da família Terra-Cambará a partir de sua raiz indígena e abordou tanto a contribuição histórica, cultural e étnica dos índios, como apresentou no romance a relevância das missões para que o percurso histórico do estado tenha se dado como de fato aconteceu. No entanto, expôs também no texto as visões dos que excluía a participação das missões orientais e dos aldeamentos jesuíticos do século XVII na origem do estado, conforme o trecho abaixo, em que o narrador conta que os membros dos sete povos das missões deveriam efetuar o pagamento de impostos ao rei da Espanha (VERISSIMO, 2013), o que demonstra a ligação entre o povo missioneiro e a corte castelhana, assim como sugere que não faziam parte da composição étnica da então Província de São Pedro.

Naquele ano precisavam exportar mais erva-mate e algodão para Buenos Aires, pois quanto mais coisas exportassem mais dinheiro teriam, não só para pagar os dízimos ao rei de Espanha, como também para comprar remédios, instrumentos e – oh! Sim – mais coisas belas para a igreja: cálices, cruzes, castiças...³² (VERISSIMO, 2013, p. 43 – 44)

³¹ PORTO, Aurélio. **Notas ao processo dos farrapos**. Rio de Janeiro: Of. Gráf. Do Arquivo nacional, 1935, v.3.

³² VERISSIMO, op. cit., p. 43-44.

Ou seja, é por este caminho que Erico apresentou sua visão quanto a fonte racial e a origem da sociedade gaúcha, em que Pedro Missioneiro, provável descendente de uma miscigenação entre bandeirante e aborígine, é seu representante em *O tempo e o vento*. No entanto, conforme explanado, houve divergências de pontos de vista sobre esta composição tanto na época de produção do romance, como atualmente.

Conforme já comentado, há quem defendesse que o indígena pertencente às missões orientais, embora contribuísse etnicamente, pouco transferiu sua cultura a seus descendentes. Heloisa Reichel (2000) explica pela ficção de Verissimo que o caráter português é o que permaneceu na educação de Pedro Terra, pois a participação de Pedro Missioneiro na vida do filho é insignificante, assim como é transitória sua passagem pelo romance, pois cedo deixa de fazer parte dele e, mesmo quando está em cena, pouco fala e é sempre submisso e sem energia. No entanto, quando o menino começa a crescer, Ana Terra, sua mãe, percebe que ele sabe *fazer coisas*, como desenhar em árvores do mesmo modo que o pai, ou seja, há uma herança de destreza que vai além das características físicas do índio missioneiro.

Todavia, há também aqueles que intercedem a favor da hibridização dos costumes da nossa origem, em que seu representante nesta ficção é um índio alfabetizado e batizado, não um guerreiro que se colocou contra os interesses da coroa. Segundo Reichel³³,

Pedro Missioneiro representava o índio guarani que fora aproveitado pelos portugueses para trabalhar nas estâncias, era dócil, convertido e, conseqüentemente, não engrossava as hordas de índios selvagens e infiéis que se encontravam do outro lado da fronteira e eram aliados aos castelhanos. O índio que formou o mestiço sul-rio-grandense era o pacífico, ordeiro, trabalhador e, ainda mais, conhecedor das artes e ofícios que atendiam as necessidades de trabalho e lazer da sociedade que se formava. (REICHEL, 2000, p. 213)

Fora da ficção, assim como nela, os jesuítas transferiram e absorveram hábitos e ensinamento aos nativos, os instruíram a manusear e dominar o metal (2016) e tiveram que se adaptar aos costumes das tribos para poder divulgar seus objetivos de catequização. Para que tal projeto obtivesse êxito, as relações entre eles não poderiam se dar completamente por obrigação por parte dos índios, conforme explica Júlio Santos (2016), através da análise de Santos e Baptista³⁴ (2007 citado por SANTOS, p.75), os quais:

Necessitavam da participação, compreensão e cumplicidade dos indígenas para efetivar o projeto apostólico-político empreendido pela Companhia de Jesus e pelo governo espanhol. Dessa maneira, a experiência só pode ser percebida a partir da

³³ REICHEL, Heloisa Jochims. A identidade sul-rio-grandense no imaginário de Erico Verissimo. In: GONÇALVES, Robson Pereira (Org.). **O tempo e o vento: 50 anos**. Santa Maria. Editora UFSM, 2000, p. 213.

³⁴ SANTOS, Maria Cristina dos; BAPTISTA, Jean Tiago. Reduções jesuíticas e povoados de índios: controvérsias sobre a população indígena (séc. XVII-XVIII). **Revista história Unisinos**, p. 240-251, mai / ago, 2007.

presença significativa e definitiva das populações indígenas, em particular do grupo étnico GUARANI.

Nesta união de forças e de concessões, após o surgimento das missões perdeu-se a cultura indígena pura porque se mesclou com a dos jesuítas e tanto o trabalho em grupo por uma suposta propriedade coletiva de terra, quanto a concepção religiosa com vistas à prosperidade Guarani³⁵ (2016) se tornaram parte da rotina dos reduzidos. Esta hibridização é exposta em *A fonte* sempre que há a narração do ambiente, a forma de organização social e divisão dos ofícios entre eles. No entanto, embora os aborígenes tivessem se moldado culturalmente, como seus orientadores, não foram grupos sem atitude e sem força de iniciativa, tampouco tiveram o intuito de se desvencilhar do mando dos jesuítas na guerra guaraníca, como muitas vezes a historiografia relatava.

Erico colocou em pauta o verdadeiro motivo do duelo por parte dos missioneiros (que era defender a terra que viviam, ainda que fosse necessário o confronto armado contra as coroas lusas e espanholas) ao mesmo tempo que também mostrou o posicionamento daqueles considerados bárbaros e dos representantes da Companhia de Jesus quanto à guerra. Verificou-se tal abordagem no romance, por exemplo, quando pe. Alonzo, que inicialmente não concordava com o enfrentamento porque sabia que aquele conflito seria doloroso e prejudicial para a redução, compreendeu que os índios tinham o direito de lutar para defender sua terra e passou a ajudá-los no manejo e na fabricação das armas, *a princípio com fria eficiência, depois sentira que passava a trabalhar com interesse e finalmente com uma paixão que chegava a ser quase voluptuosa*³⁶ (2013, p.65).

A origem deste espírito guerreiro dos aborígenes se deu porque as áreas de organização das reduções estavam nos imprecisos limites territoriais disputados entre as coroas, havia também a insegurança quanto aos bandeirantes, que procuravam capturar os índios das aldeias, cenários que contribuíram para a formação do espírito combatente gaúcho. Eduardo Neumann³⁷ (2016, p. 123-124) explica os motivos da militarização indígena:

Devido à condição de fronteira de tais reduções o monarca espanhol autorizou os jesuítas a equipar os índios sob a sua tutela com arma de fogo, situação única em toda a América colonial. A novidade foi uma inflexão na legislação colonial hispano-americana, as famosas *Leyes de Índias*, - que a pesar de todas as críticas emanadas das autoridades e colonos – resultou na formação de uma “milícia GUARANI” que colaborou na defesa das fronteiras territoriais da monarquia espanhola no rio da Prata.

³⁵ POMMER, Arnildo; POMMER, Roselene Gomes. Missioneirismo: Breve relato histórico da busca de uma identidade regional. In: QUEVEDO, Júlio (Org.). **Missões: reflexões e questionamentos**. Santa Maria: Editora Caxias, 2016, p.56.

³⁶ VERISSIMO, op. cit., p. 65.

³⁷ NEUMANN, Eduardo Santos. Práticas de escrita indígena nas reduções no século XVIII. In: **Missões: reflexões e questionamentos**. Santa Maria: Editora Caxias, 2016, p.123 - 124.

Até então, a Companhia de Jesus aspirava a expandir os limites daquela coletividade para que todos os indivíduos vivessem em comunidade sob os preceitos divinos, sem dominação entre os povos e, por consequência, sem guerras e escravização, assim estenderia o poder do catolicismo e evitaria perigo para a comunidade ou até um possível aniquilamento. O escritor gaúcho apresenta esta perspectiva religiosa na ficção pela fala do primeiro padre que aparece cronologicamente no romance:

Os povos não mais seriam governados por senhores de terras e nobres corruptos. Seria a sociedade prometida nos Evangelhos, (...) um império teocrático que havia de erguer-se acima das nações, acima de todos os interesses materiais, da cobiça, das injustiças e das maquinações políticas. Um mundo de igualdade que teria como base a dignidade da pessoa humana e seu amor e obediência a Deus. Neste regime mirífico o homem não mais seria escravizado pelo homem. Não haveria mais exaltados e humilhados, ricos e pobres, senhores e servos. Que direito tinha uma pessoa de se apossar de largas extensões de terra? A terra, Deus a fizera para todos os homens. O que era de um devia ser de todos, como os Sete Povos.³⁸ (VERISSIMO, 2013, p. 53)

Por motivos econômicos e políticos, no século passado passou-se a buscar uma marca identitária das memórias missionárias e reinterpretar sua estrutura a partir de um modelo em que *por meio de um trabalho coletivo e do acesso igualitário à terra, a região teria atingido um grau de relações socioeconômicas próxima daquilo que Karl Marx propôs, teoricamente, em meados do século XIX, a partir da análise crítica da experiência capitalista inglesa, ou seja algo como um estado comunista embrionário*³⁹. Esta nova compreensão dos redutos missionários (acima demonstrado no trecho do romance) indica a distinção de seus anseios comparados aos capitalistas que (mesmo exigindo um processo coletivo de trabalho) não dividia igualmente seus frutos com os trabalhadores, pois visava ao lucro, ou aos interesses do sistema monárquico, o qual o proletário prestava contas a uma entidade suprema.

Não se pode esquecer que qualquer interpretação histórica é formulada a partir de concepções particulares de determinado grupo que possui tanto o poder de impor sua visão dos fatos, quanto definir aquilo que deve fazer parte da constituição de sua identidade (2016), por essa razão é possível dizer que Erico firmou na ficção, lugar que detinha alçada, sua perspectiva sobre a tradição missionária. A noção de identidade, imbuída da interpretação do autor no romance, se construiu numa troca de alteridades entre índios e jesuítas, em que, para que o aborígine abraçasse as causas lusas e religiosas, foi crucial acercá-lo à cultura nova. Necessitou-se adaptar a história do menino Jesus a dos caciques, por exemplo, para que os

³⁸ VERISSIMO, op. cit., p.53.

³⁹ POMMER; POMMER, op. cit., p. 58.

índios compreendessem melhor a narrativa contida na Bíblia e se aproximassem das concepções que os jesuítas pretendiam passar-lhes:

Uma vez Alonzo o [Padre Antônio] surpreendera a contar às crianças a história de Jesus, que ele apresentava aos alunos como uma espécie de Bom Cacique. Estava tão absorto na própria narrativa que não viu o companheiro entrar. Era extraordinário como sabia adaptar as parábolas bíblicas ao mundo dos índios, e como dava realidade, vida às suas personagens. As crianças o escutavam de boca aberta, num silêncio elevado.⁴⁰ (VERISSIMO, 2013, p. 44)

No princípio do romance, além da participação missioneira, o leitor verifica que as fronteiras do Rio Grande do Sul, até então móveis, estavam em construção e os povos vizinhos ainda se mesclavam porque não havia claramente uma limitação oficial do espaço de circulação, visto que recém iniciavam-se políticas de delimitações de terras para que pudessem explorar e proteger as fronteiras. *A expansão dos portugueses para o oeste e para o sul da linha de Tordesilhas*⁴¹ (2000, p. 210), em cujo território surgiram futuras estâncias que criaram animais utilizados como transporte em todo o país, marca este contorno territorial em formação que ocorria também através a expulsão dos espanhóis das terras da província de São Pedro. Este contorno está exposto na segunda página cronológica do romance:

Metiam-se estes demônios Continente adentro, seguiam o curso dos rios, embrenhavam-se nas matas e, abrindo picadas a golpes de facão e machado, fazendo estrada com os cascos de seus cavalos e tropas, iam ao mesmo tempo rechaçando para o oeste e para o sul o inimigo espanhol.⁴² (VERISSIMO, 2013, p. 37)

Este tema também encerra o capítulo “A fonte” ao apresentar Chico Rodrigues, o provável pai do Cap. Rodrigo Cambará, como a própria fronteira, porque *as patas de seus cavalos suas armas e seus peitos iam empurrando as linhas divisórias do continente do Rio Grande de São Pedro (...) A fronteira marchava com eles. Eles eram a fronteira*⁴³ (2013, p. 75). Ou seja, o romance inicia-se a partir de duas conjunturas: a da delimitação oficial do estado gaúcho, que até então não tinha limites e era terras sem donos, e a contribuição cultural do povo missioneiro que ocupou as terras sulinas neste período de demarcação de espaço.

Durante o romance, Verissimo mostra a qualidade da civilização missioneira, tanto no aspecto organizacional da redução, quanto na educação dos seus membros, cuja qualidade era superior à dos portugueses e a de seus descendentes. Embora os lusos considerassem os índios selvagens, nas missões havia uma estrutura próspera com olarias, teares, eleições e um corregedor, numa época em que a corte ainda não tinha olhos para aquela região. Como sentenciar o pe. Alonzo (VERISSIMO, 2013), ao descrever o ambiente reduzido em “A fonte”,

⁴⁰ VERISSIMO, op. cit., p.44.

⁴¹ REICHEL, op. cit., p. 210.

⁴² VERISSIMO, op. cit., p. 37

⁴³ Ibidem, p. 75.

os detentores do poder não possuíam interesses em educar seus súditos, porque se os mantivessem na ignorância, mais fácil poderiam escravizá-los e assim alargariam as suas conquistas.

Em *O tempo e o vento*, os considerados bárbaros eram bons cristãos, muitas vezes exerciam caprichados ofícios culturais e eram bilíngues, enquanto os portugueses e os mestiços, que perderam a cultura dos missioneiros após a devastação da redução, não tinham o costume de ser letrados e pareciam não se envergonhar disto, como a família de Ana Terra, por exemplo. Outra prova de que os mestiços demoraram muito mais para ter acesso à educação, comparado aos missioneiros, é quando Luzia, pertencente a gerações posteriores a Pedro Missioneiro, receia que o filho passasse por toda a vida sem aprender a ler. Isso significava que, enquanto o país já ansiava por preceitos como os da revolução francesa - de igualdade, liberdade e fraternidade - a alfabetização ainda não era um ideal de primeira ordem no interior do Rio Grande do Sul.

Historicamente, sabe-se que foram os jesuítas que ensinaram a grafia aos Guaranis, porque no momento da chegada portuguesa no território das missões, por volta de 1537, não havia sistema de escrita e a comunicação se dava por símbolos. Por conta disto, tudo que se sabe daquele povo naquele momento é através de documentos e relatos feitos por pessoas a serviço de Portugal e do recolhimento de tradições orais dos indígenas, ambos recursos evitados de preconceito, os quais descreviam os nativos como seres inferiores que deveriam sair da barbárie e receber os ensinamentos civilizatórios e cristãos.

*A elite letrada missioneira, no século XVIII escreveu com frequência e, por vezes, com maior desenvoltura do que os colonizadores hispano-americanos*⁴⁴ (2016, p.125) e que grande parte dos índios das reduções sabia ler não só português, como espanhol. Tanto na vida real, como ficcionalizada em “A fonte”, há a indicação do protagonismo dos indígenas por meio da difusão da escrita, no qual, factualmente puderam se tornar sujeitos políticos e chegaram, inclusive, a fazer negociação diretamente com a administração colonial por meio de documentos escritos. Uma elite missioneira, com conhecimentos alfabéticos, atuava em diversas áreas, como em organizações internas das reduções e participação de negociações de paz. Havia distinção social e de prestígio quanto aqueles que eram letrados e, por conta deste desenvolvimento intelectual dos aborígenes e de conflitos políticos entre os jesuítas, os indígenas passaram a ter maior autonomia. (2016)

⁴⁴ NEUMANN, op. cit., p.125

Esta capacidade linguística dos índios, desenvolvida e nutrida por argumentos que sustentavam a perspectiva da tribo, foi demonstrada no romance quando o narrador anuncia a carta que Sepé possuía e mostrou ao padre, como prova de que iria lutar pelo seu território. Entre argumentos e explicações que defendiam a posição dos indígenas, ela termina da seguinte forma:

Se querem conferências, que não venham mais de cinco espanhóis, e o padre, que é pelos índios, será interprete. Desta forma se farão as coisas como Deus quiser, senão será como quiser o demo.⁴⁵ (VERISSIMO, 2013, p. 66)

Após haver perpassado por questões missionárias (como marcas identitárias relativas à hibridização dos costumes entre índios e jesuítas, as origens raciais do estado, a efetiva educação da redução e o espírito guerreiro dos aborígenes em *O Continente*) e contrapô-las com passagens históricas, pôde-se perceber que, ao trilhar um percurso historiográfico em discussão na época de elaboração da primeira parte de sua trilogia, Erico apresentou seu posicionamento quanto a relevância indígena na origem do estado rio-grandense e deixou um legado excepcional para a literatura gaúcha.

⁴⁵ VERISSIMO, op. cit., p.66.

4 CAPITÃO RODRIGO CAMBARÁ E A REVOLUÇÃO FARROUPILHA

Neste momento da análise, no campo da historiografia, será visto de modo panorâmico as versões contadas sobre os objetivos dos farroupilhas na revolução, as quais cambiaram tanto durante o passar do tempo, quanto sob a perspectiva de determinados historiadores. A literatura, por sua vez, retirou da realidade combativa da história elementos para construir o mito do gaúcho e Erico Verissimo criou o personagem Capitão Rodrigo Cambará aparentemente de acordo com o gaúcho mitologicamente humanizado pelos autores que o antecederam, no entanto imbuíu esta figura literária também de aspectos que o aproximaram do homem da vida real e, por isso, a visão utópica do gaúcho muitas vezes apresentada na literatura até então foi desconstruída em *O Continente*.

Vale comentar (mesmo que não nos aprofundemos nesta questão) que há diferentes debates sobre a intencionalidade da revolução farroupilha e que este momento histórico forjou uma identidade gaúcha, porque, entre outros motivos, a sociedade passou a necessitar de uma representação utópica da sua própria imagem. Os combatentes da citada revolução foram descritos ora como homens guerreiros em defesa de seu território, ora como desordeiros, conforme a posição ideológica, política, social ou simplesmente da convicção de quem a escrevia – relativização encontrada também na literatura e já comentada no primeiro capítulo deste estudo.

Para se entender o porquê da necessidade de constituir uma identidade gaúcha a partir da criação mítica do gaúcho, primeiramente vamos compreender o contexto da Revolução Farroupilha, de acordo com o raciocínio feito por Jocelito Zalla e Carla Menegal (2011), os quais fizeram, dentre outras análises, uma explanação dos objetivos que nortearam o conflito e analisaram as consequências de tais objetivos.

Na época da batalha, os farroupilhas justificaram o conflito sob o discurso de que a província de São Pedro era um alojamento do país, ou seja, era vista apenas como um depósito de pessoas e de coisas sem serventia, portanto não era dada a devida atenção pelos detentores de poder, enquanto isso ocorria desde a independência um processo de construção e centralização do estado nacional brasileiro. Argumentavam também que a corte fazia negociações prejudiciais à província, como a compra de charque do Uruguai e não do sul do Brasil porque o custo era menor, visto que o tributo interno pago pelos gaúchos era muito

grande e não conseguiam fornecer o produto por um preço mais baixo que o do concorrente estrangeiro.

Nos primeiros anos após o fim da revolução, houve um silêncio e uma recriminação quanto à atitude dos rebeldes, porque o caráter guerreiro dos rio-grandenses era visto dubiamente: se por um lado, podiam defender os limites do país das ameaças dos povos vizinhos, por outro, não eram controlados e civilizados, o que estabelecia uma desordem e impelia os cidadãos a cometer crimes. Por isso, pareceres aconselhavam a paz, o esquecimento e o silêncio daquele período sangrento e empobrecedor tanto para a terra rio-grandense quanto para o espírito dos sobreviventes.

No fim da década de 1850, surgiram documentos de arrependimento e reconhecimento de danos causados pelo conflito por parte dos farroupilhas. Neste período, o Império atendeu às principais reivindicações deles, o espaço burocrático se expandiu para a província e a corte lhes reconheceu poder político e prestígio.

Após 1880, a geração seguinte dos combatentes estava disposta a recuperar a trilha dos republicanos: defendia uma posição desafiadora e afirmativa quanto a imagem dos guerreiros, começou a construção de uma memória pública e, com isso, os farroupilhas passaram a ser vistos como um exemplo a ser seguido por serem *embriões das causas republicanas*⁴⁶ (2011, p.7). De certo modo, surge um discurso distorcido, em que os republicanos não haviam buscado a separação com o restante do país e são apresentados como leais à nação.

Neste mesmo período Tristão de Alencar Araripe escreve suas memórias sobre a revolução e a considera mais uma *guerra civil* que um confronto revolucionário, a qual estava voltada aos interesses particulares da elite local. Em outras palavras, trata-se de um despotismo militar em detrimento dos interesses do povo. Segundo Rodrigues, *Araripe atingia em cheio um dos principais argumentos acionados na propaganda republicana*.⁴⁷ (2013, p.7)

Por sua vez, José Francisco de Assis Brasil escreve, logo após a Araripe, sobre a revolução a partir de outra perspectiva. Para ele:

A revolução foi decorrência natural da contradição que existia entre as instituições centralizadas no governo imperial e a natureza e caráter do povo da província. Um país de tamanhas dimensões, como as do Brasil, não poderia ser governado pelas mesmas instituições e regras de norte a sul.⁴⁸ (RODRIGUES, 2013, p.8)

⁴⁶ ZALLA, Jocelito; MENEGAT, Carla. **História e memória da Revolução Farroupilha**: breve genealogia do mito. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 31, p. 49-70, n. 62, mar. 2011, p.7.

⁴⁷ RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. **A releitura do passado farroupilha no IHGB (1921–1935)**: memória republicana e legitimidades intelectuais. Revista Tempo, Porto Alegre, v. 19, p. 161-183, n. 35, dez. 2013, p.7.

⁴⁸ Ibidem, p.8.

Jocelito Zalla e Carla Menegat (2011) citam também interpretação inusitada sobre a Revolução farroupilha, feita por Alfredo Varela, o qual, no final do século XIX, desenvolveu um discurso que envolvia a imagem destas batalhas, o qual dizia que, se cada estado não fosse autônomo e não fossem aceitas suas necessidades e especificidades regionais, seria possível a separação entre o Rio Grande do Sul e o restante do país, uma vez que a autonomia da elite sul-rio-grandense oferecida pela república já não era mais suficiente. Em outras palavras, evocando as causas protestadas na guerra pelos “revoltosos” da província sobre a questão do federalismo, *a memória da Revolução Farroupilha era transformada em ameaça velada*⁴⁹ (2011, p.8).

Já na perspectiva de Antônio Hohlfeldt (1996), a Revolução Farroupilha traça o marco diferenciador entre a imagem do gaúcho gerada pela literatura, no qual, antes dos acordos que deram fim às batalhas, em 1845, o gaúcho era romanticamente descrito e representado como o Centauro dos pampas, Guasca, Campeiro, Monarca das coxilhas, etc. Após, o gaúcho gradativamente passou a ser o ladrão de gado – se eventualmente praticasse ações permitidas anteriormente, como tomar para si, por exemplo, um animal que estivesse num limite que excedia à propriedade de seu patrão-, o marginal, o *gaúcho a pé*, o peão que aceitava ordens daqueles que lhe ofereciam trabalho em troca de salários miseráveis, de comida ou de moradia.

Ou seja, com as mudanças políticas, administrativas e econômicas as quais sofreu o estado por conta desta revolução, o gaúcho (com atividades campeiras e sem limites fixos) deixou de fazer parte de tropas em defesa dos limites, assim como deixou de formar um espírito guerreiro, que fora construído por causa do clima de permanente tensão da região. Esta figura inicialmente mitificada foi gradativamente perdendo espaço na literatura, cuja atenção passou a ser do homem do campo, o despossuído e subjugado, descrito com um tom de derrota, em que *proletarizado na forma de peão de estância, foi obrigado a se transformam em propriedade reificada da instituição*⁵⁰ (1996, p. 24). Este tipo social, o gaúcho antigo, *transmudava-se enquanto herói artístico, notadamente na literatura*⁵¹. (1996, p. 25)

Existe também a perspectiva de que essa mitificação foi construída por necessidade dos próprios detentores de poder - e espalhados, sobretudo, pelas vias populares, por meio dos cancioneiros – que eram basicamente os donos de terras, porque a eles era interessante

⁴⁹ ZALLA; MENEGAT, op. cit., p.8.

⁵⁰ HOHLFELDT, op. cit., p.24.

⁵¹ Ibidem, p.25.

construir uma imagem heroica e guerreira dos gaúchos, que trabalhavam no campo, e, eventualmente iriam à guerra defender as fronteiras do estado ou a propriedade dos latifundiários. Sobre a mitificação do gaúcho, Hohlfeldt⁵² (1996, p.12) comenta que:

Proletarizado ou eliminado, o gaúcho revive sob o manto protetor da arte, transformado em herói, submetido ao discurso igualitário do proprietário da terra, de modo a encobrir as contradições sociais e buscar um projeto orgânico e unitário capaz de atender às necessidades dessa nova classe.

Seguindo seu raciocínio, Hohlfeldt⁵³ (1996, p.25) complementa esta discussão relacionada à influência dos que detinham o poder e que possuíam interesse na construção deste mito na literatura para que parecessem comandantes justos:

A elite dominadora, que criara as instituições capazes de legitimar seu discurso, buscava transferir para a literatura, com a conivência calada à força das personagens populares, sua própria imagem: a da democracia estancieira, onde proprietário e propriedade se identificavam. Nem mesmo o escravo teria aqui qualquer dano.

*A sociedade gaúcha se condicionava à qualidade de coragem pessoal e ousadia em nome da defesa do continente de São Pedro*⁵⁴ (2010, p.68), porque, se tratando de um povo com herança militar e orgulho dos atos heroicos, era visto como pouco apto à submissão e à rotina. Tal sociedade era composta por descendente de contrabandistas (os peões das estâncias), por exemplo, os quais, mesmo que audazes, foram essenciais para a manutenção dos limites do nosso estado, como já comentado neste trabalho.

A partir de mudanças como a modernização do campo (cercamento de terras, introdução da organização administrativa e, principalmente, a proletarização do antigo gaúcho, que passou a ser integrado à engrenagem capitalista e deixou de ser aceito como figura nômade), a ascensão de novas áreas (pequena propriedade, indústria artesanal) e a mudança de província para povoado, pôde-se perceber uma crise na sociedade agrária sulina. *O folclorismo e a literatura mostravam, nas primeiras décadas do novo século, possibilidades de registro do mundo que se perdia*,⁵⁵ (2011, p.11) o qual, muitas vezes, era descrito como *a era de ouro pampiana, que deixava lugar à triste realidade de pobreza e decadência da vida campeira*.⁵⁶ (2011, p.11)

⁵² HOHLFELDT, Antônio. **Literatura e vida social**. 1 ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS. 1996, p. 12.

⁵³ Ibidem, p. 25

⁵⁴ MARQUES, Mariana Lima. **A dominação no continente**: dominação pessoal e patrimonialismo analisados com base nas primeiras páginas de “O Tempo e o Vento” In: Encontro Anual da Anpocs, 34, 2010, São Paulo. ST16: Intelectuais, cultura e democracia, Campinas: Unicamp. 2010. v. 1, p. 1-15, p. 68.

⁵⁵ ZALLA; MENEGAT, op. cit., p. 11.

⁵⁶ ZALLA; MENEGAT, loc. cit.

Na virada do século, para honrar a memória dos combatentes, surgiram também narrativas literárias e construção de monumentos que deram início a constituição de um mito fundador e da memória histórica regional, mesmo que não estivessem plenamente de acordo com o mundo rural do pampa.

Análises⁵⁷ feitas no final do século XX apresentam diferente interpretação quanto a construção do mito do gaúcho, as quais alegam que os reivindicadores perderam a revolução farroupilha, mas, com o objetivo de construir uma identidade para o povo sul-rio-grandense, arquitetaram-se a imagem do gaúcho invencível a partir da distorção da história para a construção deste mito, mesmo que *invencíveis* fossem *apenas os ideais*⁵⁸ (1998, p.69). Segundo tais exames, este representante heroico e o sentimento de rebeldia foram bem recebidos pelo povo porque o seu destino e suas ações passaram a ser vistos de modo mais glorioso, pois possuíam bravura, característica indispensável aos que lutaram contra o governo central do país, obtiveram êxito, mesmo que provisoriamente, e construíram uma república rio-grandense à base de sangue e resistência. Claudia Wagner⁵⁹ perpassa por esta questão e defende que

De certa forma, esse mito ajudou a criar uma identidade e um senso de autoafirmação em um povo que, anteriormente, não tinha consciência de quem era ou a quem pertencia, devido aos vários conflitos (guerras e sucessivas mudanças no território gaúcho) e ao esquecimento das autoridades políticas – detentoras de poder e dinheiro – do centro do país. (WAGNER, 2012, p.4)

Criou-se uma nova identidade representativa no campo da literatura, a figura do gaúcho desbravador que defendia as suas fronteiras e era macho, honrado e livre, e assim se poderia negar a própria identidade daquela sociedade em miséria, visto que o homem real era desinteressante como figura a se tornar mítica. Promoveu-se um vínculo daquilo que o povo poderia ter sido, mas não chegou a ser, terreno da literatura, visto que narra os fatos como poderiam ter ocorrido e não, papel da história, como aconteceram (segundo a perspectiva do historiógrafo, conforme elucidado no capítulo *História e literatura*).

Um dos personagens centrais de *O Continente*, Capitão Rodrigo Cambará, cuja construção foi à base do bravo gaúcho e combatente condecorado, é o representante do povo que lutou contra o poder hegemônico, carregou marcas do grupo a que pertenceu, mesmo que se diferenciasse de seu povo por ter um valor heroico particular e enfrentou o centro do país a

⁵⁷ Estes argumentos perderam prestígio e poucos pesquisadores ainda os defendem, no entanto, como foram recebidos com notoriedade na época de produção vale o comentário neste estudo.

⁵⁸ FLOR, Telmo. A culpa é nossa. In: GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luís Augusto. **Nós, os gaúchos**. 2º ed. Porto Alegre: Ed da Universidade/ UFRGS, 1998, p. 69.

⁵⁹ WAGNER, op. cit., p. 4.

favor da independência da então província, mesmo que por pouco tempo por causa de sua prematura morte.

Erico Verissimo criou tal personagem tipicamente gaúcho inserido num momento conturbado da história do estado e, intencionalmente ou não, compôs também um dos maiores representantes literários do gaúcho, visto que se trata de um desbravador, destemido, um exemplo a ser seguido pela sua linhagem por causa do seu código de honra. Em vários momentos de *O Continente* é apresentado ao leitor o brio deste forasteiro, como, por exemplo, quando diz que só briga com quem pode se defender e, como homem que faz o que fala, prova isto quando não dá seguimento à luta contra Bento Amaral enquanto este não está de arma em punho.

A integridade o avô de Licurgo Cambará, no entanto, está imbuída em determinados momentos de certa intolerância, a qual o leitor percebe quando ele se relaciona com outros personagens da história. Ao mesmo tempo, o capitão quando está na guerra sabe exatamente seu papel e se sente mais homem, assim como se sentem os Carés – família de miseráveis sem nenhum reconhecimento social e sem nada de seu, mas que no campo de batalha se iguala aos demais combatentes. O marido de Bibiana comenta no romance ao padre este bem-estar em lutar: “Vosmecê já viu peixe fora d’água? Pois aqui está um. Na paz me sinto meio sem jeito”.⁶⁰ (2013, p.180)

E além de ter gosto em brigar, porque sem uma guerra de vez em quando a vida fica muito enjoada, segundo o próprio capitão, ele não se rende, mesmo quando não tem perspectiva de êxito, porque o código de honra continentino não permite que um macho se rebaixe a outro homem por medo, deve, portanto, morrer lutando se necessário for. No enredo, Rodrigo se nega a desistir da batalha contra o chefe político de Santa Fé no início da Revolução Farroupilha e responde ao padre quando este sugere interceder e tentar convencer os Amarais a se render:

“Não façam aos outros aquilo que não queres que te façam a ti”. Não é isto que dizem as escrituras? Se alguém me convidasse para eu me render, eu ficava ofendido. Um homem não se entrega.⁶¹ (VERISSIMO, 2013, p.292)

E por falar em morte, aqui está outra característica que diferencia este personagem dos demais da trama e lhe dá uma áurea de ser superior: não teme à morte. Por duas vezes Rodrigo a enfrentou durante a narrativa, primeiro, quando ficou inconsciente por alguns dias após ter levado um tiro de Bento Amaral, e, mesmo podendo ser seus últimos momentos de vida, preferiu não confessar seus pecados para salvar sua alma, conforme era pregado como

⁶⁰ VERISSIMO, op. cit., p.180.

⁶¹ Ibidem, p. 292.

correto pela igreja ao povo naquela época, e decidiu que se morresse seria com dignidade. Assim, não cedeu à religião, nem se rebaixou a Deus, que é homem macho.

Outro momento de confronto com a morte é quando toma de assalto a casa dos Amarais num frenesi imprudente sem medo de ser atingido, porque, como ele próprio afirma *ainda não fabricaram a bala que me há de matar*⁶² (2013, p. 294). Aquele momento de euforia o fez perder qualquer bom senso, o qual tivera em outros momentos, pois estavam ambos, os Amarais e os farroupilhas, em pé de igualdade, com a quantidade de contingentes e de munição semelhantes em cada lado, num ambiente de batalha que era favorável a Rodrigo comparado às anteriores possibilidades de luta contra seus rivais. Não corria o risco de ser morto pelos capangas do chefe do vilarejo, como poderia ocorrer na briga com Bento, caso Juvenal não tivesse intercedido, ou quando o capitão foi se apresentar a Ricardo Amaral, dentro da casa deste. Portanto, não corria o risco de ser aniquilado *debalde* e isso lhe dava necessária energia para *pelear*.

Mesmo morrendo, Rodrigo se torna um exemplo de valentia, porque defende seus ideais até seu último suspiro, mesmo que aquilo que o mova seja menos por anseios coletivos de defesa de uma causa e mais para alimentar o próprio espírito guerreiro de estar sempre contra a autoridade, *porque governo é governo e sempre é divertido ir contra*⁶³ (2013, p.176), segundo ele, e por rixa pessoal contra os mandatários de Santa Fé, que nunca os receberam de bom grado naqueles campos. Dóris Giacomolli⁶⁴ (2015, p. 89) analisa semelhantes características deste personagem representativo e explica:

Muito de sua tragicidade e mitificação é adquirida ao morrer jovem e cheio de força, pois assim garantiu para si a imortalidade. Se por um lado a vida de Rodrigo foi tolhida, essa vida que amava tanto, por outro, até mesmo isso possibilitou-lhe a transformação em mito e herói, fazendo com que alcançasse sua imortalidade, assemelhando-se aos guerreiros que na realidade tinham morrido defendendo seu estado e até mesmo representando-os de forma que pudessem ter seus feitos e atos de bravura narrados para as gerações vindouras.

Outra característica do personagem que corresponde ao protótipo de gaúcho que usou como modelo o homem existente nos campos da província antes das mudanças causadas pela revolução farroupilha é sua origem nômade, ou seja, assim como proveio o povo gaúcho, o capitão vem de muitas guerras, daí seu instinto bélico e exaltado, guiado por ditados populares como *bicho bom não leva desaforo pra casa*. O homem aqui é comparado ao bicho, e este é representado pelo cavalo, o principal meio de transporte no século XIX, o elemento

⁶² Ibidem, p.294.

⁶³ Ibidem, p.176.

⁶⁴ GIACOMOLLI, Dóris Helena Soares da Silva. **Masculinidades em conflito em Um certo Capitão Rodrigo: da luta pela hegemonia à masculinidade mitificada**. 2015. Tese (Mestrado em Literatura comparada). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, p. 89.

unificador entre os rio-grandenses e os imigrantes (ambos com culturas muito distintas, mas com a mesma necessidade de locomoção que os obrigou a dividir tal forma de transporte), companheiro de andanças do gaúcho, o qual o valorizava de tal forma que, na narrativa, chega a ser comparada sua importância à mulher. Ou seja, este animal é tanto a ferramenta usada para o desbravamento da terra, quanto a companheira dos gaúchos nos seus momentos de andanças. Ao chegar no povoado, Rodrigo narra ao padre:

Já lhe disse que gostei de Santa Fé. É um lugar mui lindo. No dia que eu achar que ele não me serve mais, monto a cavalo e vou m'embora, só árvore é que pega raiz no chão.⁶⁵
(VERISSIMO, 2013, p.207)

Rodrigo se apresenta como sendo sem raízes, filho de perdiz, o qual não conheceu mãe e não comenta sobre o pai, cuja referência no livro se supõe ser Chico Rodrigues, mas tal parentesco não está explícito no enredo. O protagonista explica sua origem ao pe. Lara, conforme se pode ver em *O Continente* (2013, p.202):

Me criei guaxo. Não conheci mãe. Com doze anos já trabalhava no campo com a peonada bem como um homem-feito. Com dezoito tinha sentado praça e já andava brigando com os castelhanos. Daí por diante sempre vivi brigando ou correndo pelo mundo.⁶⁶

O sentimento libertário, pelo qual os revolucionários em 1835 diziam lutar em nome do povo, está presente no personagem mítico de Erico Verissimo, mesmo que indiretamente, pois não concordava com o fato de um homem ser propriedade de outro. Mesmo que se trate de contextos diferentes, (uma das interpretações da revolução é de que os rebeldes queriam libertar a província do império por se sentirem injustiçados e abandonados, já o pai de Bolívar acreditava que não deveria haver escravização de pessoas, embora não tivesse chegado a lutar por ideais abolicionistas) ambos expõem os anseios de igualdade do capitão:

- Nada disso, padre! Sou contra a escravatura só por uma coisa. É que não gosto de ver homem rebaixado por homem. Nós os Cambarás temos uma lei: nunca batemos em mulher nem em homem fraco; nem nunca usamos arma contra homem desarmado, mesmo que ele seja forte. Quando vejo um negro que baixa a cabeça quando gritam com ele, ou quando vejo um escravo surrado, o sangue me ferve. Depois que vi certos negros brigando no nosso exército contra os castelhanos... Barbaridade! Se eles não são homens, não sei quem é...⁶⁷
(VERISSIMO, 2013, p.255)

A última característica que aproximava o provável descendente de Chico Rodrigues a uma figura heroica é o amor por sua terra, de forma que, para ele, o mundo se limitaria à região a qual pertencia e não existiria outro lugar que valesse a pena conhecer além de Santa Fé e arredores, ou, no máximo, até o centro do país, de onde vinham as questões de conflitos políticos. O Padre chega a sugerir que o novo habitante de Santa Fé expandisse seus

⁶⁵ VERISSIMO, op. cit., p. 207.

⁶⁶ Ibidem, p. 202.

⁶⁷ Ibidem, p. 255.

conhecimentos de mundo para que tivesse uma ideia mais abrangente do que ocorria além das batalhas sul-rio-grandense:

- Capitão! Você precisa ler história universal. Precisa ler sobre outros continentes, principalmente sobre a Europa. Não pense que o mundo é só a província de São Pedro. Rodrigo deu de ombros:
- Pra mim tem sido.⁶⁸ (VERISSIMO, 2013, p.196 - 197)

Tal personagem, no entanto, não possuía apenas qualidades gloriosas, como já comentado, tinha defeitos que o aproximava aos homens em geral, o que desmistifica a áurea de superioridade do gaúcho na literatura. Ele não era um homem sério, como a maioria dos varões de Santa Fé, e isso fazia com que alguns o vissem com desconfiança ou simpatia, porque ele era símbolo de alegria por estar sempre na farrá. Em outras palavras, tratava-se de um homem sem meias medidas, tanto em suas atitudes, quanto nos sentimentos que despertava nas pessoas (ou o amavam, ou o odiavam). Seu sogro o descrevia da seguinte forma: “Esse tal capitão Rodrigo é um homem sem serventia. Vive cantando, bebendo e jogando, e tem raiva do trabalho”.⁶⁹ (2013, p.210)

No dia de sua chegada no povoado organiza um grupo para jogarem cartas e no dia dos mortos, mesmo sendo um momento de luto pelas perdas das famílias, toca violão e canta sem preocupar-se com a inconveniência causada por suas atitudes. A raiva do trabalho a que Pedro Terra se refere é o labor diário que torna a vida do sujeito monótona, ou seja, trata-se do trabalho na terra com plantações, com animais ou com comércio, porque trabalhar em campo aberto contra o inimigo na guerra ele já fazia desde menino. Rodrigo não estava habituado à rotina, e era apenas isso que Santa Fé tinha a lhe proporcionar, porque qualquer coisa além das tarefas diárias realizadas por homens comuns, as quais ele teria que fazer para permanecer ali, deveria buscá-la em outros lugares.

Inevitavelmente, o anseio por mulheres diferentes, e mais atraentes que Bibiana após as deformações geradas pela gestação, cedo chegaram. Um homem que não valoriza a família, porque deixa sua filha doente em casa para beber e jogar durante toda a noite e sequer atende a chamados para acudi-la, não é o protótipo de gaúcho romanticamente descrito anteriormente a Erico Verissimo. Mesmo antes da morte de sua filha, a neta de Ana Terra passava sozinha as noites enquanto seu marido as dividia entre o jogo e a amante, notícia que se espalhou por toda a vila e que ela tinha conhecimento:

Todos sabiam que ele não vendia um copo de cachaça sem beber o outro, junto com o freguês. Vivia em roda de solo e bisca e jogava a dinheiro; aos domingos ia para as carreiras, onde fazia apostas altas. Gastava também um dinheirão com galos de rinha. Diziam, mais, que frequentava o rancho da Paraguaia, uma velha índia que

⁶⁸ Ibidem, p. 196 - 197.

⁶⁹ Ibidem, p. 210.

morava lá para as bandas do cemitério e que cedia a neta de dezoito anos a quem estivesse disposto a pagar por ela alguns patacões.⁷⁰ (VERISSIMO, 2013, p.257)

No enredo de *O Continente*, a mulher deve obedecer ao marido, assim como o filho obedece ao pai, ou seja, a ela é dado um papel de submissão na composição familiar e Rodrigo é um dos que contribuem para essa lógica permanecer inalterada. Ele não valorizava as mulheres de seu redor, embora seguisse um código ao qual um homem não deveria agredilas, as tratava como um objeto que estava à disposição para satisfazer seus desejos, sobretudo, sexuais. Entre outros exemplos, não respeitou Maruca, companheira de seu amigo, e lhe colocou olhos de cobiça assim que começara a se recuperar do ferimento causado no duelo com Bento Amaral; na primeira oportunidade, dormiu com Paula, ou seja, não respeitou a esposa do primeiro homem que lhe estendeu a mão quando chegou em Santa Fé. Mas quem mais sofreu com esse descaso foi a própria esposa que a cada dia sentia na pele as hostilidades do marido: além de não a ajudar em absolutamente nada em casa, Rodrigo por mais de uma vez foi infiel à companheira, como já comentado.

Sobre este aspecto da masculinidade, Doris Giacomolli (2015, p. 108) analisa:

As representações discursivas dessas masculinidades apontam para a reafirmação de padrões de dominação masculina construídos em cima das performances dos corpos, principalmente ao apontar para modelos de virilidade que acabam por se cristalizar através da mitificação dessas construções de masculino.⁷¹

Para finalizar o presente estudo o qual se concentrou nas características do personagem-mito Capitão Rodrigo Cambará encontradas em “Um certo capitão Rodrigo”, um dos capítulos de *O Continente*, desde sua chegada a Santa Fé até a sua morte, comentaremos algumas projeções negativas e positivas deste símbolo criado: por um lado, este personagem representou o território da honra de macho, da bravura e de heroísmo, onde não havia espaço para medo ou insegurança quando se tratava de duelar; por outro lado, estava inserido numa realidade bárbara e devastada com um povo primitivo, cujos aspectos estiveram presentes em diversos momentos no enredo de Erico Verissimo.

Esta sociedade rude estava habituada a viver com regras próprias, visto que mesmo havendo uma legislação que normatizasse a convivência coletiva, as pessoas respeitavam mais os princípios estabelecidos tacitamente, como a honra, por exemplo, que os impostos a elas. Mesmo que fosse proibido o duelo na província, os homens ignoravam a existência deste preceito quando os convinha, como no trecho a seguir:

Juvenal Terra transmitia instruções. Bento saíra pela direita e Rodrigo pela esquerda, a galope, para se encontrarem atrás do cemitério. Não haveria

⁷⁰ Ibidem, p. 257.

⁷¹ GIACOMOLLI, op. cit., p. 108.

testemunhas, pois existia no país uma lei contra duelos. Os adversários deviam apertar as mangas e brigar. O que escapasse viria depois até a praça dar o sinal para irem buscar o corpo do outro.⁷² (VERISSIMO, 2013, p.227)

Como se pode verificar neste capítulo, o objetivo da análise feita foi perceber algumas interferências históricas na criação do mito do gaúcho e sua posterior desconstrução na literatura feita por Erico Verissimo. Em outros termos, a figura mítica do gaúcho foi uma criação identitária necessária para os interesses da própria sociedade e o autor cruz-altense nos forneceu um exemplo da degradação desta construção do centauro dos pampas.

⁷² VERISSIMO, op. cit., p. 227.

5 CARL WINTER E A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO SUL DO BRASIL

Enquanto Pedro Missioneiro carregou sua marca identitária de índio das missões, com aprendizados peculiares e mais desenvolvidos comparados aos portugueses, pois sabia fazer coisas, Cap. Rodrigo Cambará levou a marca de forasteiro e de gaúcho desbravador, que defendeu sua terra dos castelhanos e sua honra dos conterrâneos. Winter, por sua vez, carregou sua marca identitária urbana e europeia e, até onde conseguiu evitar a mescla entre a cultura gaúcha e a alemã, fez questão de manter sua peculiaridade naquela terra rude com habitantes bárbaros para que não se tornasse um deles. O que eles tiveram em comum? Foram diferentes daqueles com quem conviviam e, como representantes de algo que veio de fora, do estranho, estabeleceram exatamente esta identidade própria que os diferenciavam dos demais.

Erico Verissimo retratou a colonização homogênea e mista e as implicações sociais disso na sua ficção (AQUINO, 2007), por isso, este capítulo iniciará com uma breve análise do percurso de imigração dos primeiros germânicos quando se deslocaram em grande quantidade⁷³ e se estabeleceram no sul do continente americano. Carl Winter, personagem representante dessa etnia que imigrou no século XIX para o Brasil em *O Continente*, é um intelectual capaz de descrever e analisar a sociedade que povoava as terras sulinas. Este personagem será apreciado neste capítulo para abordar a questão identitária deste grupo étnico que estava distante de sua pátria-mãe, se viu obrigada a se adaptar a uma cultura e a um clima muito diferente do seu e que, por sua vez, transmitiu muito de seus costumes ao povo que já aqui vivia e não os via muitas vezes com bons olhos.

Embora a influência alemã se estenda por todo o percurso narrativo de Erico Verissimo em *O tempo e o vento*, nos atentaremos a explorar sua representatividade apenas nas primeiras décadas de imigração, exposta na primeira parte da trilogia.

Foram inúmeros os motivos que permitiram haver uma imigração considerável no sul do Brasil no século XIX, tanto a favor dos países germânicos, quanto para os interesses do governo central e provincial do império português. Enquanto, neste período, a Europa estava vivendo um alto crescimento demográfico em meio a mudanças econômicas e tecnológicas, o que fazia mais disputado o mercado de trabalho e o ambiente urbano de muitas de suas cidades, na América havia a promessa de terras à disposição para serem exploradas pela

⁷³ Trata-se dos primeiros grupos de germânicos que chegaram a América, no entanto não foram os primeiros que vieram para o Brasil, pois, isoladamente, já haviam vindo jesuítas alemães no século anterior, por exemplo.

agricultura e, portanto, possibilitando que quem imigrasse para ela teria certa garantia de sustento para si e para sua família.

Para o governo português, por sua vez, era interessante ocupar estrategicamente as zonas de fronteiras que pertencem ao atual RS, por conta da ameaça do domínio espanhol, conforme explica Ivânia Aquino⁷⁴ (2007), e para defender tal objetivo e manter suas demarcações, o império procurou criar uma fortaleza militar, a qual foi composta basicamente pelos açorianos no século XVIII e, no século seguinte, pelo imigrante, que auxiliou na ocupação do espaço e, eventualmente, nas batalhas vindouras. Ou seja, a imigração (de um modo geral, não apenas a alemã) foi uma solução política encontrada pelos governantes para defender os vastos limites territoriais sobre sua proteção que não conseguiriam preservar sozinhos sem prejudicar a esfera econômica do país.

Mas porque trazer pessoas com costumes tão distintos que não compartilhavam nem a mesma língua, elemento primordial para haver a interação entre os indivíduos? Vínculos diplomáticos entre os países germânicos – cuja nacionalidade provinha a imperatriz Leopoldina, esposa do imperador D. Pedro I - e o Brasil permitiram que estes imigrantes seguissem suas vidas no sul do continente americano, ao mesmo tempo em que o império português não corria o risco de perder a própria hegemonia da sua mais produtiva colônia, visto que os países teutos não tinham império colonial na América (MAGALHÃES, 1993). Assim, o risco de disputa por poder e por região seria menor do que trazer para o atual Brasil, e inseri-los em fronteiras, ingleses, espanhóis ou franceses, que já obtinham alguma estrutura política na América e assim facilitaria uma possível preparação estratégica para invadir as terras do império português.

No entanto, não bastaria povoar o território, necessitava-se também explorá-lo e *desenvolver a produção agrícola e industrial que traria o crescimento econômico do país*⁷⁵ (2007, p.38), conhecimentos os quais os imigrantes alemães detinham e que estavam em conformidade com os interesses do governo. A qualificação e disposição para o trabalho, a destreza das profissões exercidas já no velho país, a valorização da constituição familiar, seu caráter conservador, a disciplina e o respeito às autoridades eram atributos dos teutos que poderiam, na visão dos gestores, trazer progresso ao então continente de São Pedro, além de não ambicionarem a modificação do espaço de comando, conforme explica Ivânia Aquino⁷⁶ (2007).

⁷⁴ AQUINO, op. cit., p.33.

⁷⁵ Ibidem, p. 38.

⁷⁶ Ibidem, p. 36.

A estudiosa também explana sobre o fato de que os pecuaristas gaúchos, situados no sul da então província, eram a favor da imigração alemã no estado porque teriam garantido melhor infraestrutura para o transporte dos seus produtos - que proviam o mercado consumidor do norte do país - com matas devastadas e caminhos abertos pelos teutos, os quais seriam também consumidores destas mercadorias, gerando maior lucro⁷⁷ (MAGALHÃES, 1993). Os imigrantes alemães concentravam-se, portanto, na agricultura e na manufatura⁷⁸ (AQUINO, 2007), não concorriam com os estancieiros, que se dedicavam ao gado e não disputavam com a mão de obra escrava, que era bem menor comparada a outros estados e laborava nos latifúndios ou fazendas. Ou seja, os germânicos tinham relevante possibilidade de trabalho porque por aqui havia grandes extensões de terra para ser cultivada⁷⁹ (AQUINO, 2007).

Conforme explica Marionilde de Magalhães, o objetivo da colonização no Sul era diferente do restante do país, porque enquanto aqui as forças se voltavam para a defesa das fronteiras, como já comentado, em outros territórios da nação havia a necessidade de *suprimento da força de trabalho qualificada para as indústrias nascentes*⁸⁰ (1993, p.17) ou, por exemplo, solucionar a necessidade de mão de obra no cultivo de café (GREGORY, 2013).

Uma questão relevante começou a surgir no final da década de 40: São Leopoldo, um dos primeiros lugares a receber imigrantes nos campos sulinos, teve um rápido crescimento demográfico (RÜCKERT, 2015), o que impulsionou a necessidade de estender as terras coloniais, por isso o governo iniciou recrutamento provincial de teutos, cujos empenhos eram significativos para construir estradas, ocupar terras e torná-las produtivas (RÜCKERT, 2015). Modificou-se também a forma de concessão gratuita de terras que, no começo do deslocamento dos germânicos, era cedida por sesmarias, mas, com o passar das décadas, os territórios que pertenceriam a cada família alemã começaram a ser financiados e, em 1850, foi promulgada a Lei de Terras, que efetivava a comercialização de terreno.

A atração de imigrantes para o Sul da América se deu por diversos empreendimentos por parte do governo, o qual prometia transporte, recepção aos recém-chegados, aceitação dos costumes e práticas religiosas (GREGORY, 2013), assim como concessão de um pedaço de terras, sementes, gados, animais domésticos, auxílio financeiro, entre outros benefícios (AQUINO, 2007). Conforme aumentava a necessidade política de recebimento de imigrantes,

⁷⁷ MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl. **Alemanha, mãe-pátria distante: utopia pangermanista no sul do Brasil**. 1993. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, p. 22-23.

⁷⁸ AQUINO, op. cit., p. 47.

⁷⁹ Ibidem, p. 41.

⁸⁰ MAGALHÃES, op. cit., p. 17.

surgiram empresas particulares que se encarregavam de trazê-los da região de origem para o Brasil, as quais, em vista à lucratividade, faziam inclusive promessas inconstitucionais aos teutos (AQUINO, 2007).

No início da vinda germânica para o Brasil, a Alemanha ainda não era unificada, e sim formada por diversos reinos independentes que, por sua vez, possuíam hábitos e culturas distintos, com dialetos diferentes. Por isso, os primeiros imigrantes teutos vindo em quantidade significativa e que aqui se instalaram provieram um pouco de cada uma das regiões de parte da Europa. Cultuavam religiões diversas e, desta forma, detinham condições economias e sociais diferentes, assim como diferentes acessos a questões políticas. As habilidades, as profissões e as razões para imigrarem para uma terra desconhecida também não eram as mesmas, como explica Valdir Gregory⁸¹ (2013, p.9),

Migraram camponeses sem acesso à terra, artesãos, trabalhadores livres, profissionais qualificados, empreendedores, perseguidos políticos, pessoas contratadas para trabalhos nas colônias, nos governos e em combates. Ou seja, estes migrantes eram portadores de experiências plurais.

Gregory (2013) acrescenta que os teutos tinham diferentes concepções religiosas, morais e familiares tanto comparados aos alemães entre si, quanto aos nativos, os quais os tratavam muitas vezes com certo desprezo. Por conta desta pluralidade de concepções que começaram a se imbricar com o início da imigração houve assimilações por parte dos estrangeiros que se adaptavam aos costumes e à natureza do sul do Brasil, assim como dos próprios nativos que incorporaram hábitos da cultura germânica.

Uma diferença cultural considerável e que é diversas vezes apresentada em *O Continente* é a importância dada aos estudos pelos estrangeiros, à introdução e à permanência das crianças em colégios. *Não existia entre os colonos a ideia, ainda em pleno vigor no rio grande luso-brasileiro, de que escola e educação eram privilégios dos elitizados*⁸² (2007, p.56). Os imigrantes detiveram a preocupação de alfabetizar os seus filhos, pois consideravam o ensino formal um recurso fundamental para o futuro das crianças com relação à inclusão na sociedade (2007). Muitos deles também tiveram esta visão sobre a influência da leitura por conta de sua religiosidade, o protestantismo, que pregava que a oração e a leitura da Bíblia, considerada como fonte de autoridade, deveriam ser feitas de modo individual, ou seja, necessitava-se de uma sociedade alfabetizada para que se propagasse a fé ao povo, diferentemente do catolicismo que executava estas práticas por intermédio dos padres e que, por sua vez, não exigia o exercício de leitura dos doutrinados.

⁸¹ GREGORY, Valdir. **Imigração alemã no Brasil**. Cadernos Adenauer, Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2013, p. 9.

⁸² AQUINO, op. cit., p. 56.

O predomínio deste costume de proporcionar escola aos pequenos - juntamente com a imprensa alemã, que se manteve o máximo possível preservada no novo mundo cultural - influenciou nos indicativos de alfabetização e de difusão de hábitos de leitura, assim como a elevação de renda e de escolaridade após o início da imigração (GREGORY, 2013), importâncias secundárias dos nativos, que não consideravam a escolarização uma forma de ascensão social. Tanto a manutenção destes espaços - escola e imprensa - que estimulavam a preservação dos hábitos germânicos, quanto os seus padrões alimentares, as concepções de eficiência e capacidade de trabalho, os hábitos de morar e de viver bem (GREGORY, 2013) e a conservação da religiosidade por meio da igreja evangélica alemã, que muitas vezes era o local de encontro dos conterrâneos, foram formas de resistência à assimilação, pois mantinha viva a própria cultura e dialogavam por meio da língua materna como a utilizavam no meio familiar.

Mesmo que houvesse uma coerção luso-brasileira quanto à assimilação de hábitos sul-americano por imigrantes e, ao mesmo tempo, existisse o desejo de preservar sua identidade através dos recursos acima citados, os alemães criaram as escolas menos por manutenção cultural e mais para combater o analfabetismo, uma vez que o governo não dava suporte a estas necessidades nas colônias (GREGORY, 2013). Percebe-se também que os imigrantes germânicos não eram alienados quanto a questões econômicas, porque construíram associações de defesa e auxílio para manter a organização coletiva nas colônias, assim como conselhos comunitários (MAGALHÃES, 1993) e cervejarias que, enquanto auxiliavam na movimentação de capital com a difusão do comércio, exibiam, mais uma vez, seus costumes aos nativos gaúchos.

Para finalizar esta explanação histórica do percurso dos imigrantes na província, vale destacar duas questões relevantes sobre a adaptação deles: o compartilhamento de alguns costumes que ainda hoje o povo gaúcho conserva e a alta taxa de natalidade. Como já foi dito, os nativos incorporaram parte da cultura germânica, no entanto, alguns costumes tiveram menos força na sua expansão e manutenção, como, por exemplo, o culto da música clássica alemã. Por sua vez, outros foram tão difundidos que ainda hoje são preservados, mesmo que muitas pessoas sequer saibam a origem destes hábitos, como o culto do natal e da páscoa. Foram os germânicos que apresentaram a árvore de natal e a figura do papai Noel aos brasileiros, assim como os ovos de coelho coloridos de páscoa (AQUINO, 2007).

A segunda questão que influenciou na preservação dos costumes e no sucesso da imigração quanto ao seu auxílio na ampliação na sociedade foi o alto índice de fecundidade alemã, o qual permitiu o crescimento das colônias, mesmo que a princípio fossem

numericamente inferiores comparados a outras etnias que também imigraram para o Brasil. Em média as famílias teutas tinham de 7 a 9 filhos e isso ocasionou a necessidade de deslocamento desta população para diversas regiões do RS, o que distribuía a mão de obra e o comércio para outros pontos do estado e para fora dele. (MAGALHÃES, 1993)

A intenção deste esboço histórico sobre a integração do imigrante alemão no sul do Brasil no século XIX foi mostrar sua importância na composição social da população, na estrutura da cidade e na cultura a partir deste período. Em *O Continente*, o representante de todas estas mudanças é Carl Winter (embora ele seja o personagem estrangeiro que não veio ao Brasil pelos mesmos motivos que a maioria dos teutos), cuja responsabilidade no texto era a de desvendar a interioridade das figuras nativas e de apresentar ao leitor o que e quem havia/estava no estado há dois séculos.

Conforme explica Carina Postinger, *é partir do outro que se reconhece a si próprio*⁸³ (2008, p. 81), ou seja, é pelo viés do estrangeiro, através dos relatos das cartas escritas por Winter ou por suas reflexões durante o romance que é apresentada sua visão sobre a cultura gaúcha, visto que um nativo não teria consciência de fazer uma abordagem comparando os tipos primitivos que habitavam a província de São Pedro e as figuras cultas e célebres da Europa. O médico alemão foi capaz de fazer esta análise e a população nativa não foi porque ele possuía uma infraestrutura e um aparato cultural infinitamente maior que os encontrados na América, conforme se verifica nos seus hábitos e nas suas ponderações sobre questões políticas no romance, assim como os patrícios não teriam discernimento para refletir sobre o que se passava a sua volta, uma vez que não fazia parte da sua realidade a possibilidade de contrapor seu espírito com o do alemão europeu.

O médico fez questão de manter seus costumes originais para se diferenciar dos velhos habitantes de Santa Fé assim que chegou à nova terra, porque lhes reconheciam como diferente e porque ele próprio não se sentia pertencente àquela realidade a qual considerava arcaica. No entanto, com o passar dos anos, se acostumou com o ritmo de vida e com os hábitos dos que o cercavam e passou por um processo de assimilação, vivenciando, durante o percurso narrativo, conflitos identitários. Carina Postinger⁸⁴ (2008, p. 81) comenta em sua análise a questão da preservação das marcas identitárias que Winter tenta preservar nos primeiros anos de convívio com os gaúchos:

Winter mantém sua indumentária europeia em Santa Fé como forma de resistência à assimilação, para mostrar sua superioridade frente aos nativos do local, lugar considerado primitivo, com atraso cultural e tecnológico.

⁸³ BALZAN, op. cit., p.81.

⁸⁴ BALZAN, loc. cit.

Das diversas formas que Winter utilizou para manter viva sua cultura num ambiente desconhecido, três se destacaram: a língua materna, a alimentação e, principalmente, a vestimenta. O médico de Santa Fé ao passo que se sentia livre, se sentia sozinho por não ter ao seu redor interlocutor a sua altura que pudesse firmar uma discussão civilizada sobre diversas questões, por isso, nos primeiros anos da sua chegada ao novo continente, mantinha conversas consigo mesmo em alemão. O fato de, no final do enredo praticamente, Winter trocar o nome de seu escravo e chamá-lo do nome de um poeta da sua cultura, além de despersonalizar o rapaz, mostra sua eterna resistência àquele ambiente considerado rude, porque retira do seu servo a maior forma de identidade, que é o modo como as pessoas o reconheciam: seu nome.

Numa das cartas que troca com seu companheiro de desabafos, Koseritz, o médico queixou-se que poderia acabar desaprendendo o alemão por pouco o praticar, confissão que admite sua constante e lenta perda de identidade, até o ponto culminante de interferir na sua forma de comunicação original. No entanto, nas trocas de correspondência com seu amigo, oportunidade mais adequada de utilizá-la, não a emprega. Mesmo que dominassem plenamente a língua portuguesa, como é mostrado no trecho a seguir de *O Continente*, para expressar sentimentos e desenvolver uma conversa fluida, ainda que escrita, como faziam ambos personagens, a melhor opção seria o uso da língua materna, uma vez que ambos compartilhavam desde pequenos a mesma língua e eram cultos, ou seja, possuíam um considerável nível de expressão e de vocabulário. Desta vez, é o personagem Florêncio que analisa o médico da região:

Florêncio sempre admirava a maneira correta com que aquele homem se exprimia em português; tinha um sotaque muito forte, era verdade, carregava nos erres, mas quanto ao resto falava fluentemente como um brasileiro educado, quase tão bem como o juiz de direito ou o padre. E diziam que sabia também o seu latim e que em sua casa tinha muitos livros escritos em língua estrangeira.⁸⁵ (VERISSIMO, 2013, p.336)

Outra forma de identidade e de resistência é a alimentação, porque, a partir dela, se pôde verificar como os homens de Santa Fé viviam instintivamente e de modo rústico, conforme explica Carina Postinger⁸⁶ (2008), a qual ilustra que Winter⁸⁶ apresentou a sociedade do RS como um povo tosco e carnívoro, uma vez que apenas explorava o que a terra lhe fornecia e não sabia processar os alimentos. Em outras palavras, a comida dos nativos era retirada da natureza (o leite da vaca, a carne do gado), já o povo mais

⁸⁵ VERISSIMO, op. cit., p. 336.

⁸⁶ BALZAN, op. cit., p.133.

desenvolvido, que dominava técnicas de preparação dos condimentos, fazia alimentos como pão feito em casa e vinho, os quais necessitavam de uma ordem e destreza para prepará-los, assim como adequada forma de elaboração e armazenamento dos ingredientes.

Erico Verissimo retratou esta questão através das reflexões do médico da província, o qual relata que *não raro numa refeição, serviam-se quatro ou cinco variedades de carne, e nenhuma verdura*⁸⁷ (2013, p.392), o que transformava as feições daquela gente numa rusticidade grotesca e animal, uma vez que a fisionomia sempre esteve diretamente relacionada aos alimentos que são consumidos. A passagem a seguir demonstra em *O Continente* (2013, p. 598) tal rusticidade:

A tendência que as mulheres daquela província tinham para engordar! (...) tinham ancas largas e seios fartos. Os gaúchos pareciam gostar de mulheres deste tipo, pois talvez as julgassem como julgavam as vacas leiteiras: quanto maior o úbere, mais leite. Depois que casavam, então, aquelas fêmeas botavam corpo e ficavam como a esposa do Veiga, da Casa Sol, que ali estava junto do vigário, apertada num vestido de cetim azul-marinho, com uma cara de bolo de milho abatumado, o seu duplo queixo duma moleza e duma brancura de requeijão...⁸⁸

A terceira diferenciação de Winter perante os santa-fezenses e o mais destacado no romance é o modo como se vestia, fazendo questão de não se adaptar, o máximo que pôde, à temperatura e ao tipo de vestimenta local. Assim resistiu à assimilação e manteve viva de alguma forma sua cultura com roupas coloridas e chamativas que trajava na Europa, mesmo que no interior da província de São Pedro não houvesse oportunidade adequada de usá-la por não haver evento a altura de suas indumentárias. Em *O Continente* (2013, p. 336) seu estilo é descrito da seguinte forma:

O médico alemão era inconfundível. Ninguém mais em Santa Fé se vestia daquele jeito engraçado. Ninguém ali usava chapéu alto como chaminé nem aquelas roupas estapafúrdias. (...) O dr. Winter era um homem fora do comum, que vestia roupas de veludo nas cores mais extravagantes, com uns esquisitos coletes de fantasia.⁸⁹

Existiram outras diversas demonstrações de rechaçar a cultura local, que Winter procurou evitar, mas acabou por ceder à força do ambiente em que passou a viver. Uma delas foi o envolvimento com mulatas, negras e índias, porque relacionar-se com pessoas daquela região, com uma cultura tão rudimentar e distinta da sua, o depreciaria física e moralmente, o rebaixaria e enfraqueceria sua saúde. De modo sutil, ele chega a explicar tanto esta resistência à fêmea local (foi possível identificar um rebaixamento da figura feminina, pois se tratava de um objeto que deveria estar à disposição dos varões da terra), quanto a outros produtos da região no seguinte trecho:

⁸⁷ VERISSIMO, op. cit., p. 392.

⁸⁸ Ibidem, p. 598.

⁸⁹ Ibidem, p. 336.

- Ainda não se decidiu a pitar um crioulo, doutor:
O outro sacudiu a cabeça.
- Nem a dormir com mulatas – respondeu com voz risonha. – Há muitos produtos desta terra que não são para meu paladar.⁹⁰ (VERISSIMO, 2013, p. 337)

Fazendo uso de parte do raciocínio de Ivânia Aquino (2007), no romance, o médico foi o único personagem alemão representativo da obra, pois interagiu com outros personagens, além de ter sido central no reconhecimento dos tipos do local, porque os analisou e foi confiante de alguns deles. Os demais foram passivos, tanto na sua falta de expressividade, porque o leitor fica sabendo sobre os outros imigrantes pelo narrador ou pela voz do próprio Winter, quanto no convívio com os nativos, que se assimilaram sem dificuldades aos costumes da província e que aceitaram seu destino de envelhecer naquela província americana trabalhando de sol a sol, como o personagem João Ferreira que chegou a *abrasileirar* seu nome, ou seja, se adaptou completamente à terra imigrada, ou como Kozeritz, o interlocutor culto do médico, o qual tinha planos naquela terra, pois *ia fundar um jornal e uma escola, meter-se na política, naturalizar-se brasileiro e provavelmente casar-se com uma moça natural da província*⁹¹ (2013, p. 383). Enquanto o doutor veio ao Brasil por razões políticas e emocionais, o motivo da maioria dos imigrados foi em busca de melhores condições de trabalho e de sobrevivência.

Embora tivesse havido esta tentativa de resistência por parte do forasteiro, sua adaptação foi inevitável porque passou a fazer parte de um ambiente desconhecido e completamente diferente do habitual. Via de regra, sua cultura original não teve espaço neste lugar muito distinto e, mesmo que no deslocamento o imigrante tenha trazido um pouco da sua identidade, aos poucos ela se diluiu por dificuldade de manutenção e por falta de um grupo sólido que a conservasse. Carina Postinger⁹² (2008, p.84) explica:

A migração, portanto, é um processo dinâmico de transformação, destruição e recriação tanto do modo de vida e das relações com o espaço, quanto dos referenciais simbólicos (as representações de identidade) que marcavam a experiência social.

Assim, segundo a estudiosa, Winter sofreu uma diluição identitária em consequência da dinâmica da imigração e de sua constante aproximação com os nativos, pois participava das intrigas e dos segredos íntimos dos habitantes do povoado, o que influenciou na construção de sua visão de mundo e que o possibilitou elaborar concepções sobre a sociedade e sobre as pessoas que viviam no interior do RS no séc. XIX, ofício que lhe foi atribuído na história dos Terra-Cambará. O médico alemão analisou tanto o meio doméstico, quanto o que

⁹⁰ Ibidem, p. 337.

⁹¹ Ibidem, p. 383.

⁹² BALZAN, op. cit., p.84.

estava fora deste ambiente, como a construção e desenvolvimento político da Alemanha e também o comportamento de seus conterrâneos que não haviam saído de sua pátria-mãe. No entanto, esta assimilação não era aprovada pelo personagem, que sentia falta de sua terra natal e desprezava os hábitos gaúchos, como já comentado neste capítulo, mas, por exemplo, passou a consumir a bebida local, *porque estava dominado pelo hábito do chimarrão, que sempre achara (...) uma grande porcaria*⁹³ (2013, p. 459), e dormir com negras, mulatas e índias, por necessidade carnal. Ivânia Aquino⁹⁴ explica o significado destas assimilações:

O contato com a gente do lugar provoca mudanças nele, das quais tem consciência e com as quais não se deleita, pelo contrário, sente que esta se diluindo em sua identidade (...) é sempre o modo de ser de sua origem étnica e cultural que lhe faz falta e pelo qual sempre reclama. (Aquino, 2007, p. 195)

Sua assimilação perpassava também pela perda da identidade profissional, porque percebia que pouco poderia contribuir com seu trabalho, que se tornava cada vez mais limitado, por não ter contato com as tecnologias e inovações do mundo civilizado da Europa. O narrador apresenta as angustias de Winter quanto sua constante perda de habilidade médica:

Que representava ele? Nada. Nem o colono alemão que havia quarenta e tantos anos se estabelecido na Feitoria do Linho-Cânhamo às margens do rio dos sinos. Era simplesmente um indivíduo, o dr. Carl Winter. E, se quisesse ser bem honesto para consigo mesmo, teria também que chegar à conclusão de que não representava nem mesmo a Medicina. Naquele fim de mundo ele ia de tal modo perdendo contato com a literatura médica, que um dia talvez chegasse a descer ao nível dos curandeiros da terra.⁹⁵ (VERISSIMO, 2013, p. 486)

Pode-se depreender que no processo de adaptação do médico do povoado também passou a considerar seu amigo como pertencente àquela região atrasada nos confins da América, pois o chama de *Carlos* na carta de outubro de 1856. Mais uma vez na narrativa, um personagem, neste caso, o interlocutor culto do médico da província, sofre o abrasileiramento de seu nome e, conseqüentemente, perde sua principal diferenciação europeia na terra de descendentes portugueses, escravos e latinos.

Reiterando um comentário já feito, é importante dizer que Winter é um observador da realidade do outro e isso permite que sejam expostas sua visão de mundo e seus preconceitos. O médico defende que havia superioridade das raças brancas comparadas às miscigenadas dos nativos da província e declara a eles que poderiam perder a sua terra para uma sociedade mais desenvolvida por não a cultivarem.

Em contrapartida, os antigos moradores da província também nutriam certos preconceitos pelos teutos, por consequência do choque entre ambas culturas que, em muitos

⁹³ VERISSIMO, op. cit., p. 459.

⁹⁴ AQUINO, op. cit., p. 195.

⁹⁵ VERISSIMO, op. cit., p. 486.

aspectos, eram dissonantes, mas se moldavam na constante convivência. Havia um receio, por exemplo, por parte da igreja, em miscigenar aquelas populações culturalmente opostas, já que muitos dos teutos eram protestantes, o que poderia disseminar tal religião e, portanto, o catolicismo, predominante até então, perderia força e poder na região.

A resistência quanto à mistura das raças vinha também dos velhos habitantes de Santa Fé, como, por exemplo, a protagonista Bibiana que dizia que filho seu não casaria com gringa, ou seja, havia um relevante rechaço relativo à mescla cultural exposto no romance por parte dos nativos. O anseio pelo trabalho era outra característica bem oposta entre as culturas, especialmente se tratando da figura masculina, porque enquanto a maioria dos gaúchos trabalhava apenas por obrigação, pois o que realmente os deleitavam era os campos de batalha durante as guerras, os germânicos levantavam antes do sol nascer, com toda a sua linhagem, laborava sem grandes agitações e não dependia de escravo para sua subsistência. (AQUINO, 2007)

O papel e a valorização feminina causavam estranheza entre as culturas, porque, diferente dos nativos que as estimavam tanto quanto seus cavalos (ou seja, estavam no mesmo nível que um animal) e pouco valorizavam a educação formal, no costume germânico havia maior liberdade das mulheres, marca de uma educação mais desenvolvida. Os teutos nutriam diferença de pensamentos quanto a sua honra, isto é, não consideravam a mulher sua propriedade e nem defendiam a ideia de que deveria ser lavada com sangue uma afronta a sua dignidade; já as mulheres nativas de Santa Fé eram privadas de privilégios e recebiam quase todas as obrigações, devendo servir aos homens de sua família por toda sua vida de modo submisso. Ivânia Aquino⁹⁶ (2007, p. 170) trata sobre estas questões relativas à participação feminina na cultura germânica na vida social e familiar:

Não bastasse o trabalho a conferir este papel de maior proximidade com o dos homens da família, há ainda a marca da educação evoluída, moldada na sociedade de padrões civilizados, que já conferira maior liberdade de costumes às mulheres. (...) Sempre que Erico se refere às mulheres alemãs, ele coloca em evidência características que lhes conferem independência e participação ativa na família e na comunidade.

A partir das observações do médico, puderam-se verificar diversas contribuições dos imigrantes quanto ao progresso do futuro RS no século XIX, uma vez que, desde a chegada das primeiras famílias de imigrantes, em 1824, iniciou a transformação do local, que gradativamente evoluiu com a abertura de cortumes, moinhos, olarias, cervejarias, entre outros estabelecimentos. Os alemães também participaram do crescimento da vila, porque construíram chalés, as mantinham limpas e sempre vinha de lá cheiro de doces, cucas e pães.

⁹⁶ AQUINO, op. cit., p. 170.

Segundo a visão dos imigrantes em *O Continente*, o conhecimento científico e a contribuição cultural teuta evoluiriam a província, uma vez que o saber científico promoveria tanto o progresso de Santa Fé com construções, como o desenvolvimento intelectual, que ia além das experiências individuais e informais dos originários locais. Já o aporte cultural era representado pelas festividades, gosto culinário e musical, conforme explica Carina Postinger⁹⁷ (2008, p. 178):

Dentro da imigração alemã representada na narrativa, as famílias Spievogel, Schultz e Kern são exemplos da ascensão dos imigrantes na hierarquia social rio-grandense. Com essa ascensão veio também a contribuição cultural dos imigrantes para o povo gaúcho, a disseminação dos bailes de Kerb, da culinária, das festividades, o gosto pela música com a difusão das vitrolas, operando uma lenta e irreversível transformação na sociedade.

Ao contar a história do Rio Grande do Sul por um viés menos ufanista comparado ao que existia na versão tradicional, Erico Verissimo contrapõe estas duas culturas que conviveram e se influenciaram constantemente a partir do século XIX e que, enquanto uma progredia gradativamente e conquistava espaço cada vez maior, a outra perdia força em seu sistema econômico, como podemos verificar no estudo *Carl Winter: Um alemão em Santa Fé*⁹⁸ (2008, p.178):

Enquanto os imigrantes e seus descendentes prosperavam economicamente ampliando as plantações, diversificando as culturas agrícolas, abrindo estabelecimentos comerciais e iniciando a industrialização de produtos, o sistema quase feudal da antiga estrutura sócio-política gaúcha entrava em declínio.

O autor utiliza um personagem intelectual e imigrante para analisar a história e os participantes da constituição do estado porque, embora imbricado naquele ambiente, consegue se distanciar dele para refletir de modo mais imparcial e mais objetivo sobre a sociedade, uma vez que os nativos eram movidos por paixões, enquanto o médico tinha explicações práticas quanto ao que ocorria a sua volta, como argumenta no trecho a seguir de *O Continente*⁹⁹ (2013, p. 556):

- Sou um homem sem paixões – disse Winter. – Não tenho partido. Nem sequer nasci neste país. Um dia posso ir-me embora para Alemanha e não voltar mais. Limito-me a ler, ouvir, observar e tirar minhas conclusões. Os senhores botam todas estas questões num pé puramente ideológico. Eu prefiro levar a coisa para o lado do interesse material...

Assim como Winter consegue ser pragmático ao analisar o motivo de estar ainda num lugar sem conforto, cujos habitantes lhe causam certa ojeriza, assim como é prático ao

⁹⁷ BALZAN, op. cit., p. 178.

⁹⁸ Ibidem, p. 178.

⁹⁹ VERISSIMO. op. Cit., p. 556.

reconhecer que sua amada fez boa escolha em preferir o filho do burgomeste a ele, tem a mesma objetividade nos questionamentos do ambiente narrado a partir das suas observações. Percebe-se que há, através deste personagem, críticas a uma série de questões apresentadas no romance referente à violência daquelas pessoas para resolver conflitos, ao descaso que é dado àquela terra que impede o progresso da região, ao tratamento áspero às mulheres e ao isolamento daquela gente que não permite o progresso cultural semelhante ao dos países mais desenvolvidos, já que nem jornais os santa-fezenses recebem com frequência para ter contato com o que vem de fora. O cruz-altense, portanto, não se limita a contar o que já se sabia sobre o estado, *ele ultrapassa o dado histórico para oferecer uma visão de mundo*¹⁰⁰ (2008, p.181) em sua ficção.

A intenção deste capítulo é apresentar a instalação da imigração alemã no sul do Brasil, mostrar as diferenças culturais que se chocaram e se adaptaram quando os germânicos e os gaúchos se viram obrigados a relacionar-se, a partir do século XIX, o que ocasionou certa resistência quanto a preservação identitária germânica e sua inevitável e gradativa perda com o passar dos anos e, principalmente, é demonstrar como todas estas questões foram ficcionalizadas na literatura gaúcha de Verissimo. Pode-se verificar também que alguns costumes ainda nutridos hoje em dia provieram da imigração destes povos, assim como construíram estabelecimentos, promoveram novas arquiteturas, apresentaram diferentes alimentos que hoje seriam desconhecidos pelos rio-grandenses se, há dois séculos, milhares de germânicos não tivessem abandonado a Europa e se instalados na província de São Pedro, conforme nos mostra Erico Verissimo em seu maior sucesso literário, *O tempo e o vento*.

¹⁰⁰ BALZAN, op. cit., p.181.

6 LICURGO E ABOLIÇÃO, REPÚBLICA E REVOLUÇÃO FEDERALISTA

O último capítulo do presente trabalho versa sobre o modo abordado por Erico Verissimo que, enquanto narra nas duas últimas seções cronológicas de sua ficção a vida do protagonista Licurgo Cambará, o qual era um homem destemido, que carrega o sangue e o gênio de seu avô paterno Rodrigo Cambará, exhibe três momentos históricos importantíssimos para o povo sul-americano, a saber: a abolição (1888), a proclamação da república (1889) e a revolução federalista (1893/95), os quais os dois primeiros tiveram repercussão nacional (e mundial) e o terceiro, importância direta nos três estados sulinos do Brasil. Ao passo que apresenta ao leitor a vida cotidiana dos Terra-Cambará, Verissimo mostra, semelhante ao modo que insere os temas nos demais capítulos já discutidos neste trabalho, pontos de vista diferente dos oficiais sobre questões históricas que estiveram em pautas políticas e sociais. Desta forma, o autor questiona determinados eventos e relativiza certos discursos em torno de questões servis e políticas ao passo que revela as contradições dos eventos históricos, conforme afirma Marcio Miranda Alves¹⁰¹ (2015) em seus estudos sobre o tema.

O país escravizou os que o civilizou! Esta análise utilizada por Joaquim Nabuco num clássico sobre o assunto (1988), carrega um raciocínio interessante para a época em que foi enunciada, contemporânea aos debates abolicionistas. Válida ainda hoje, depois de transcorridos mais de 130 anos, essa sentença sugere que a nossa civilização veio da costa da África e que a maior parte do trabalho manual foi construída pelas mãos de homens tomados de sua terra natal e trazidos à força para outro continente. Em outras palavras, o trabalho braçal do negro foi o principal instrumento de manutenção do território colonial e imperial até 1888.

Esta tomada à força do labor africano não foi aceita com completa resignação, como Nabuco asseverou em sua análise, pois houve momentos de tentativa de luta perante a parte hipossuficiente desta balança. Outras defesas de tal político-historiador hoje são obsoletas, mas para a época anterior à lei áurea, poderiam ser completamente aceitas, como, por exemplo, quando afirma que escravidão não provocou ódio entre o escravo e o seu senhor (membros que estavam em posições opostas dentro do sistema escravocrata) ou que não havia preconceito social quanto à raça africana, comparado ao que sofriam em outros países, como nos Estados Unidos.

¹⁰¹ ALVES, Marcio Miranda. **Escravos, republicanos e imprensa política em O Continente**. Signótica, v. 27, n. 1, 2015, p. 19.

O fato de ter sido mais custosa a inserção social dos descendentes africanos em outros países que haviam praticado a escravidão antes de 1888, mas que no final do século XIX já haviam abolido esta prática, não isenta o Brasil de carregar uma marca lamentável do modo como foi povoada, assim como ocorreu na América num todo. Segundo este jornalista, a abolição no Brasil foi um movimento político, em que menos importava a compaixão pela sorte dos escravos e mais valia reconstruir o país sobre o trabalho livre, de modo a fazer girar a economia interna capitalista que tomava novos rumos, diferentemente da Inglaterra, por exemplo, que foi um movimento religioso e filantrópico. Nabuco (1988, p.36) elucida¹⁰² que:

Nos outros países o abolicionismo não tinha esse caráter de reforma política primordial, porque não se queria a raça negra para elemento permanente de população, nem como parte homogênea da sociedade. O negro, libertado, ficaria nas colônias, não seria nunca um fator eleitoral na própria Inglaterra ou França. Nos Estados Unidos, os acontecimentos marcharam com tanta rapidez e desenharam-se por tal forma, que o congresso se viu forçado a fazer dos antigos escravos do Sul, de um dia para o outro, Cidadãos americanos, com os mesmos direitos que os demais; (...) A abolição não tinha (...) tão amplo sentido, e ninguém sonhara para o negro, ao mesmo tempo a alforria e o voto.

É exposta esta síntese de alguns argumentos de Joaquim Nabuco sobre a abolição da escravidão porque semelhantes debates sobre tal tema estão presentes nas discussões feitas pelas figuras fictícias de *O Continente*, as quais algumas defendem o abolicionismo como uma saída política para problemas da época, já outras justificam este ato como simples prova de compaixão humanista, sem interesses práticos e econômicos.

Toríbio, um dos personagens de *O Continente* que a princípio luta por causar abolicionistas e republicanas, defende que a extinção da escravidão de uma forma geral é uma festa de fraternidade em um regime igualitário e exemplifica que, na Inglaterra, o fim do cativeiro humano aconteceu por meio de *políticas humanistas que foram conduzidas por um gesto altruísta*¹⁰³ (2013, p. 556). Este personagem também cita antigas escravidões, ocorridas por todo o planeta, as quais os prisioneiros de guerras eram forçados ao trabalho braçal, ou seja, apresenta argumentos para sustentar sua opinião contrária a manutenção da escravidão e para demonstrar a crueldade de tal sistema.

Nota-se que o leitor, através da literatura, pode abranger seus conhecimentos quanto à servidão humana além do que lhe é apresentado nos manuais escolares, cuja prática não transcorreu em todos os lugares do mundo como no Brasil, em que os escravos eram

¹⁰² NABUCO, Joaquim. **O abolicionismo**. 5 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1988, p.36.

¹⁰³ VERISSIMO, op. cit., p. 556.

capturados de sua pátria-mãe por profissionais traficantes de pessoas¹⁰⁴. Outra diferença entre o que ocorreu no nosso país e no restante do globo em vários séculos foi que a distinção destes servos na sociedade nem sempre foi racial como se passou no maior império português.

O historiador Jaime Pinsky faz uma explanação semelhante em sua análise sobre a escravidão no Brasil e relata que, em outras civilizações mais antigas, além do tráfico ocorrer com prisioneiros de guerras (que normalmente após algumas gerações se eliminava a relação escravista), também acrescenta que tal costume era bem menor e se dava por outros motivos, como por dívida, venda de pessoas da família, escravização doméstica ou por escambo. A troca de pessoas por objetos acabava tornando determinados grupos mais fortes que o restante da sociedade, porque recebiam, entre outros artefatos, armas e munições, que os protegiam de não serem escravizados e os davam mais poderes de dominação. Portanto, ao comparar o posicionamento do personagem no romance e os dados apresentados pelo historiador, percebe-se mais uma vez semelhanças entre a ficção de Verissimo e a realidade apresentada nos livros de história.

O personagem baiano também defendeu o posicionamento da religião perante a escravidão, uma vez que, segundo ele, *com o advento do cristianismo a situação dos escravos melhorara, e as manumissões se fizeram mais frequentes*¹⁰⁵ (2013, p.586). Embora este posicionamento seja possivelmente defendido por algumas figuras na época, assim como apresentado na ficção, era arrebatado por historiadores, como Nabuco, que analisou o descaso da igreja quanto a condição escravista dos negros que, mesmo tendo poder de reverter ou amenizar a situação dos subjugados por estarem em um país cuja população era fanática religiosa, o clero nunca protestou sobre a situação dos cativos¹⁰⁶:

A deserção pelo nosso clero (...) foi a mais vergonhosa possível: ninguém o viu tomar a parte dos escravos, fazer uso da religião para suavizar-lhes o cativo, e para dizer a verdade moral aos senhores. Nenhum padre tentou, nunca, impedir um leilão de escravos, nem condenou o regímen religioso das senzalas. (NABUCO, 1988, p. 35 – 36)

Jaime Pinsky também analisa com acuidade a relação entre a igreja católica e a escravidão e explica que ambos estavam a serviço dos proprietários humanos, uma vez que o papel do cristianismo era de consolar os oprimidos quanto ao sofrimento ocasionado pelos castigos físicos e pela perda da liberdade, o qual pregava a salvação espiritual aos cativos para aqueles que cumprissem seu dever, trabalhassem duro, respeitassem seus senhores e se

¹⁰⁴ Esta profissionalização de traficantes humanos ocorreu após os primeiros anos de escravização negra no Brasil, em que a demanda de africanos era cada vez maior e, portanto, a captura geraria lucro. Este assunto será tratado adiante neste capítulo.

¹⁰⁵ Ibidem, p. 586.

¹⁰⁶ NABUCO, op. cit., p. 35-36.

mantivessem dóceis. Os próprios representantes católicos também torturavam os negros e o discurso religioso para estes seres não era a de que *todos os homens são iguais perante a deus*, e sim de que *a César o que é de César, a Deus o que é de Deus*¹⁰⁷ (2010, posição 551). Ou seja, *a legitimação social do catolicismo dos senhores era uma eficiente forma de controle social; e valores como conformismo, resignação e trabalho duro, formas de se chegar ao paraíso celeste, marcavam de maneira indelével a vida cotidiana do escravo brasileiro*¹⁰⁸. (2010, posição 569)

Ao contrapor os argumentos de Toríblio no romance, Dr. Winter, o personagem com opiniões mais imparciais sobre política e com suas explicações práticas e sem paixões sobre o que se passava na sociedade e no mundo, argumenta que na Inglaterra o fim da servidão humana se tratava de uma estratégia comercial, assim como no Brasil, e exemplificou que em São Paulo, o trabalho escravo era lucrativo, por isso os fazendeiros eram contra o abolicionismo. No Ceará e no Amazonas, por sua vez, não havia necessidade de trabalho escravo, então defendiam a abolição (VERISSIMO, 2013). O narrador critica este sistema, o qual comporta defensores que teoricamente estão interessados no bem-estar da raça subjugada e, enquanto parlamentam sobre a importância da liberdade humana e sobre a entrega das manumissões que logo ocorreria, uma negra faz as tarefas domésticas e os serve.

À margem deste jogo político, *O tempo e o vento* retrata também aqueles que ficavam indiferentes às mudanças, como Bibiana, por exemplo, a qual considerava uma bobagem a república, a abolição e a elevação de Santa Fé a cidade, pois para ela nada daquilo faria mudar o cotidiano.

Ironicamente, nesta narrativa de Verissimo, a abolição, teoricamente um ato libertador que melhoraria a sociedade, pois exterminaria procedimentos cruéis, tem como representante principal Licurgo Cambará que, enquanto defende a escravidão como uma prática abjeta, dá de relho aos escravos quando estes o desobedecem, mas faz isso de *homem para homem*¹⁰⁹ (2013, p.561), porque nunca os açoita. O caráter duvidoso deste personagem é indicado também quando inicialmente possui a força a mulher que vem a ser sua amasia, numa demonstração de que a figura feminina, principalmente a sem recursos financeiros, é submissa às vontades dos machos naquela sociedade que os diferencia pela liberdade de escolhas e de direitos.

¹⁰⁷ PINSKY, Jaime. **A escravidão no Brasil**. 21. ed. São Paulo: Editora contexto, 2010. E-Book. ISBN 978-85-7244-780-5, posição. 551.

¹⁰⁸ Ibidem, posição. 569.

¹⁰⁹ VERISSIMO, op. cit., p. 561.

Outro exemplo deste costume corrente no século XIX que aparece no romance é quando o dono do Angico diz que *Alice não era para aquelas coisas*¹¹⁰ (2013, p.554) e repele pensamentos de desejos por sua noiva, o que depreende mais uma vez que a esposa serve apenas para procriar e cuidar da casa, enquanto o prazer ele encontra nos braços de outras mulheres, conduta inadmissível a uma moça.

Ao perpassar pelo argumento de Moacyr Flores¹¹¹ (1993) sobre o papel da mulher na vida pública no século XIX, percebe-se um ponto de vista distinto do já apresentado no presente trabalho, uma vez que, segundo ele, não se trata do famoso machismo gaúcho essa ideia de submissão feminina, como poderia ser interpretada ao ver determinadas atitudes dos homens da família Cambará, como Licurgo ou o Cap. Rodrigo em *O Continente*. Trata-se de fato da forma como a sociedade caracteriza o papel feminino enraizado na própria educação tradicional no Brasil, tal como na Europa, a qual defende que a função social delas é ser boas filhas, mães e esposas e aprender apenas tarefas domésticas numa realidade que não ultrapasse os limites do ambiente familiar.

Estas concepções eram retiradas do positivismo de Augusto Comte, o responsável pela reforma educativa neste sentido, cujas ideias foram adaptadas por Júlio de Castilhos à realidade brasileira para que fosse possível sua implantação na república. Nesta percepção da educação, o homem, que era racional, deveria ocupar o espaço coletivo, trabalhar e proteger sua família; já a mulher, figura irracional, deveria manter-se resguardada nos espaços íntimos, não precisaria trabalhar e estudar e, ao mesmo tempo, não faria parte do mundo público, o que evitaria um possível adultério e a conseqüente desonra de sua família.

Nesta época, a sociedade passou por um período delicado, porque além da grande distinção entre os sexos, histórica e ficcionalmente exposta ao indivíduo/leitor, conforme demonstrado aqui, também estava sujeita a desmandos de governantes que pretendiam mudar toda a sua estrutura por ideias que nem a eles convenciam por completo. No romance, o neto de Bibiana não estava convicto dos próprios ideais por que lutava, pois suas razões não o dominavam, tanto que na entrega das manumissões aos seus negros, um dos momentos de maior valor moral para suas causas republicanas, o narrador revela que o obstinado republicano e abolicionista sente repulsa, constrangimento e nenhuma emoção por aquele seu ato glorioso, conforme o trecho narrado a seguir:

¹¹⁰ Ibidem, p. 554.

¹¹¹ FLORES, Moacyr. 1893: o imaginário da república no Rio Grande do Sul. In: ALVES, Francisco das Neves (Org.) TORRES, Luiz Henrique (Org.). **Pensar a revolução federalista**. Rio Grande: Editora da Furg, 1993, cap. 12, p. 98.

Licurgo mal podia conter a sua impaciência. Não conseguia convencer-se a si mesmo de que aquela era uma grande hora – uma hora histórica. Não achava nada agradável ver aqueles negros molambentos e sujos, de olhos remelentos e carapinha encardida a exhibir toda a sua fealdade e sua miséria naquela casa iluminada. E como eram estúpidos em sua maioria! (...) O pior era que o Sobrado já começava a cheirar a senzala. (...) Estava meio decepcionado.¹¹² (VERISSIMO, 2013, p. 589-590)

Se foi a intenção de Verissimo, não há como afirmar, mas podemos, a partir do texto, interpretar que em todos estes momentos houve dubiedade e ironia quanto às questões históricas que em geral oficialmente são apresentadas de forma gloriosa nos livros didáticos e documentos consagrados. No entanto, se aproximarmos a lente aos fatos reais, percebemos que além de não terem sido organizados por grupos com opiniões unânimes (cada um teve bons argumentos para defender suas causas), muitos dos indivíduos não levantaram suas bandeiras apenas por paixões humanitárias, pois o jogo político e a disputa ao poder denotava mais importância para os aspirantes ao governo, os quais faziam o que preciso fosse para concretizar os projetos almejados.

Ao falar em escravidão, estamos falando de seres humanos desprovidos de dignidade, que não eram cidadãos por não terem nenhum direito (nem político, nem civil), não construíram senso identitário (muitos desconheciam sua própria origem), não tinham direito de formar e de pertencer a uma família e não possuíam documentos que os identificassem como únicos, a não ser um registro escrito comprovando ser propriedade de seu senhor. O escravo não tinha acesso a este documento e seu senhor não era obrigado a fazê-lo, nem necessitava prestar contas às autoridades quanto às condições de seus subordinados porque não era cobrado por isso, conforme explica Nabuco¹¹³ (1988).

Tratava-se de homens e de mulheres que não faziam parte do país, já que não eram estrangeiros nem nativos, simplesmente pertenciam a ele por serem propriedade, conforme o diplomata cita (1988). Eram seres humanos com escassa possibilidade de desenvolvimento de ideias, uma vez que, animalizados, não possuíam capacidade nem de se comparar a outras pessoas, como forma de alteridade, ou de esperar alguma melhora da sua condição servil. Em outras palavras, *a falência de liberdade implicava no desconhecimento da própria identidade*¹¹⁴ (1989, p.23) destes sofredores.

No trecho citado a seguir de “Ismália Caré” (2013, p.589) é demonstrado que um dos negros prestes a receber a carta de manumissão mal sabia o próprio nome de batismo e só

¹¹² VERISSIMO, op. cit., p. 589 - 590.

¹¹³ NABUCO, op. cit., p.126.

¹¹⁴ SAUTHIER, Ademar Agostinho. **Liberdade e compromisso**: “O Tempo e o Vento” de Erico Verissimo. 1. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1989, p. 23.

atende quando o chamam por sua alcunha. Isso comprova a diluição da identidade destes seres humanos, uma vez que de seu não possuíam nem o nome, pois não o reconheciam, eram identificados apenas pela visão do seu dono e não tinham uma imagem própria:

“Bento Assis!”, gritou Toríbio. E, como o preto chamado não aparecesse, ele repetiu em voz mais alta: “Bento Assis!”. O peão que estava à porta da cozinha gritou para fora: “Bento Assis!”. Nenhuma resposta veio. Licurgo que sacudia a perna nervosamente, bradou de repente: “Bento Burro! Onde está esse animal?”. “Bento Burro!”, repetiu o peão. Então uma voz soturna saiu do meio dos escravos que esperavam, no sereno: “Pronto, patrão!”. E entrou na casa.

Um outro exemplo, que inclusive já foi citado no presente trabalho, desta ausência identitária na figura escravizada usada por Erico Verissimo em *O Continente* é quando Winter, já velho, chama o escravo pelo nome que lhe agrada e não pelo que fora dado ao subordinado no momento do seu batismo, o que, além de descaracterizá-lo, não respeita a língua nativa do vassalo quando distribui ordens em alemão. Não respeita, portanto, uma das únicas formas de comunicação do negro, uma vez que ele não lê, o que lhe impede a possibilidade de pertencer a um dos poucos grupos permitidos a um homem de pele escura pela sociedade: dos que dividem a língua africana ou esta e a portuguesa concomitantemente.

Em jornais gaúchos que circulavam na última década de monarquia no Brasil, divulgavam-se notícias sobre a diferença de tratamento de escravos do estado sulino, normalmente restritos a atividades domésticas, e os do restante do país. Os intelectuais que publicavam tais notícias procuravam ressaltar que os servos daqui eram tratados de modo mais amistoso pelos patrões e não sofriam com tanta crueldade, dando a entender que a distinção entre eles não era tão grande como em outras localidades do Brasil, por que lutavam nas guerras lado a lado com seus senhores, usavam as mesmas vestimentas e, eventualmente, dividiam o mesmo chimarrão, conforme explica Marcio Alves (2015). Para ser ponderável nesta análise apresentada pelos periódicos locais no fim do século XIX, o mais indicado é afirmar que havia a possibilidade desta relação ser amistosa, mas ela não era uma regra, porque hoje em dia se sabe por diversas fontes que a escravidão foi uma prática muito cruel e nada generosa.

Em *O Continente*, esta comparação sobre o tratamento do negro perante outros estados brasileiros divide a opinião dos personagens. Enquanto Juvenal comentava que no atual RS os escravos eram melhores amparados que no norte do país, Florêncio defendia que na província os negros eram bem tratados e Fandango, o capataz do sobrado, era da opinião de que a abolição iria desproteger o escravo (três homens em diferentes posições sociais, culturais e de distintas idades defendiam a mesma opinião sobre o possível fim da

escravização humana), Licurgo argumentava que esta atividade era uma vergonha e que precisava pôr-lhe um fim para melhorar o país.

Alguns personagens, como o Manfredo Fraga – o responsável pelas publicações no jornal *O Arauto* - viam as iniciativas abolicionistas como uma conduta anárquica, arquitetadas por traidores patrióticos, cujo único objetivo era afrontar D. Pedro II¹¹⁵ (2013), conforme o trecho a seguir. No entanto, nossa análise não pode deixar de considerar que o foco principal da narrativa era o contexto ficcional que conta a trama familiar e o enfrentamento entre linhagens que se tornaram inimigas pessoais e política. Portanto, o argumento apresentado abaixo serviria não só para defender um posicionamento político, mas principalmente, para atacar os projetos e desmoralizar um antigo inimigo. Comprova-se mais uma vez a provável trama que Verissimo amarrou para abordar as questões históricas enquanto narrava as intrigas pessoais das famílias rivais fictícias, se valendo de argumentos verídicos e, muitas vezes, opostos que vigoraram na época.

Esses maus patriotas, movidos por mero interesse pessoal e mal disfarçada ambição de mando, estão tratando de confundir os espíritos. (...) sabemos que se organiza para a noite de amanhã uma festa de finalidade política e subversiva (...) trata-se de uma farsa montada e ensaiada por maçons, livres-pensadores, hereges e mazorqueiros, cujo objetivo precípuo é solapar o Regime. Destruir a Família, menoscabar a Religião, atacar o nosso querido e impoludo soberano; em suma, substituir a democrática Monarquia Brasileira pela mais nefanda e nefasta das anarquias.¹¹⁶ (VERISSIMO. 2013, p. 527)

Estes personagens que faziam parte do grupo dos que não eram a favor da libertação dos cativos não se incomodavam com a condição destes seres humanos, os quais, além de serem tratados como utensílios e não serem respeitados como gente, sofriam com a perversidade da sociedade.

Jaime Pinsky apresenta uma análise apurada da realidade dos negros ao se tornarem escravos e explica que eles primeiramente eram capturados como fonte de trabalho, mas passaram também a ser artigo de negociação, pois serviam como garantia de fiança, eram trocados por outros bens ou os senhores os alugavam (2010), relações comerciais que afirmavam o caráter de mercadoria destes seres humanos. Por sua vez, os traficantes de escravo começaram a aprisioná-los não apenas com o objetivo de compor o braço trabalhador nas colônias portuguesas, mas também visavam a vendê-los a outros países (2010) para poder lucrar com a transação.

A conclusão de que se tem é que não era respeitada a natureza humana dos escravos, não havendo nenhuma preocupação em preservá-los tanto física como socialmente, *no*

¹¹⁵ VERISSIMO, op. cit., p. 527.

¹¹⁶ Ibidem, p. 527.

*mercado de Vallongo, por exemplo, gravuras e descrições mostram negros à venda sendo examinados como animais*¹¹⁷ (2010, posição 405). O tratamento desumano ocorria mesmo existindo leis que procurassem proteger de certa forma o escravo, já que se tratava de um patrimônio, gerava lucros e sua aquisição custava caro.

Portanto, os traficantes não tinham intenção de perdê-los, visto que isso geraria prejuízo a eles, contudo, o transporte era o pior possível, porque, com custos fixos de deslocamento, conduziam além da capacidade viável nos navios por viagem. Era desprezado que, com o aumento de tripulantes, aumentaria também o número de doenças e de sujeira, e consequentemente, o de baixa, porém, um percentual de mortes já era previsto e economicamente aceitável (PINSKY, 2010). Conforme explica o historiógrafo¹¹⁸, pouco importava a situação daqueles sobreviventes:

A fome, a sujeira, o desconforto e a morte eram companheiros de viagem dos negros. (...) Calmarias ou correntes adversas podiam prolongar a travessia até cinco ou mesmo seis meses, tornando mais dantesca as cenas de homens, mulheres e crianças espremidos uns contra os outros, vomitando e defecando frequentemente em seus lugares, numa atmosfera de horror que o calor e o mau cheiro se encarregavam de extremar. (PINSKY, 2010, posição 337)

Pinsky (2010) explica que o homem não era piedoso com os africanos, como havia a defesa de um caráter cordial do brasileiro por alguns autores que vendiam uma imagem pacífica do brasileiro ao alegar não haver culturalmente entre nós o instinto agressivo. A sociedade, por sua vez, também não era generosa com os subjugados e se deleitava ao assistir em praça pública suas mortes, conforme a explicação abaixo do citado historiador:

O povo escolhia o lugar predileto para assistir à bárbara cena: ficando atrás da vítima podia observar melhor os estragos feitos pelo látigo, mas ficando de frente, podia presenciar com mais acuidade as expressões de dor a cada açoite. (...) havia carrascos que por sua habilidade atraíam um público maior que outros!¹¹⁹ (PINSKY, 2010, posição 760)

É demonstrada no primeiro tomo de *O tempo e o Vento* uma prática semelhante que retrata este tipo de crueldade tanto do sistema que permitia este tipo de punição, a retirada de uma vida em público, quanto a curiosidades da sociedade que assistia à execução, mesmo que encontrando um ambiente inquieto e fúnebre, sem nenhum tipo de protesto. É através dos pensamentos do Dr. Winter que o leitor toma conhecimento das reações das pessoas sobre a cena de execução que ocorre na praça central de Santa Fé:

Quantas daquelas pessoas (...) desejariam ir ver o negro esperar na forca, levadas por uma curiosidade mórbida que parecia ser um dos atributos da natureza humana? E, se não se dispunham a ir até as proximidades do cadafalso ou a ficar olhando de longe, ali das janelas, seria porque, de mistura com a curiosidade, sentissem também

¹¹⁷ PINSKY, op. cit., posição 405.

¹¹⁸ Ibidem, posição 337.

¹¹⁹ Ibidem, posição 760.

uma ponta de horror? (...) Houve na multidão que se apinhava ao redor da forca um como que movimento de onda.¹²⁰ (VERISSIMO, 2013, 365-366)

A representante principal da crueldade humana no romance é Luzia Silva que expunha sua insensibilidade, suas visões preconceituosas numa comunidade que visava a figura feminina. Sua intolerância é demonstrada, por exemplo, quando diz na frente de inúmeras pessoas no dia do seu noivado que negro não era gente e que se assemelhava mais a um macaco que a uma pessoa ou quando tinha reações frias em situações chocantes, como no momento da morte de Severino, em que seus olhos expressaram ar de fascínio enquanto assistia ao enforcamento.

Assim como dividiam opinião sobre a condição dos negros, os personagens de *O Continente* também concordavam ou discordavam entre eles sobre a instauração da república no país. A maioria dos republicanos justificava a abolição como uma das primeiras mudanças que viria com o fim da monarquia. Teófilo Vasconcelos (2000) explica que o desenvolvimento do capitalismo industrial e o aumento urbano exigiam trabalhadores livres, ou seja, consumidores que contribuíssem para que a máquina econômica girasse e fossem produzidos lucros, não havendo, portanto, mais espaço para o trabalhador escravo.

Segundo ele, a proposta dos republicanos em extirpar essa classe escrava se dava pelas ideias de incentivo ao progresso social, conforme os objetivos de Júlio de Castilhos e seu positivismo, em *que a sociedade republicana não teria escravos, mas proletários*¹²¹ (2000, p. 225). Assim como a bandeira nacional figura, a ordem e o progresso eram (e são ainda hoje) o lema desta nova forma de governo, juntamente com o fim do autoritarismo monárquico, mas o que na verdade se sabe é que o que estava em jogo eram as forças de poder, o que mudou foi apenas os nomes, pois no RS foi mantido após a implantação da República o mesmo autoritarismo que havia na época imperial.

O principal defensor das causas republicanas no romance, o filho de Bolívar, justifica que a única forma de implantar as renovações de que o país necessita seria com o advento da nova forma de governo, feitas por mãos novas. Por sua vez, alguns de seus seguidores na caminhada política discordavam sobre as possibilidades de encerramento do período monárquico no Brasil, pois debatiam se seria a golpe de uma pena ou de uma espada. Winter tinha uma explicação peculiar: segundo ele, a república só viria se o exército quisesse, uma vez que a espada sempre interferiu direta ou indiretamente nas questões do Brasil. Ou seja,

¹²⁰ VERISSIMO, op. cit., p. 365-366.

¹²¹ Ibidem, p. 225.

havia divergência de opinião entre os membros que estavam no mesmo lado político sobre as questões políticas da época.

Em verdade, sabe-se que foi proclamada a República a partir de um golpe militar que, como característico deste movimento, não previu a participação do povo e, portanto, não se tratou de uma mudança democrática. A ditadura positivista de Castilhos comandou uma sociedade sem identidade que estava acostumada a ser mandada. Carlos Baumgarten¹²² (1993, p. 99) explica esta parte da história do Brasil do seguinte modo:

Faltava uma identidade coletiva para o país, pois a unidade da língua, a religião oficial e a unidade política não eram suficientes para mobilizar os brasileiros em torno do nacionalismo ou patriotismo, porque desde o período colonial o povo esperava que o governo tomasse providências e cuidasse do bem comum, sem o uso do direito de cidadania.

Pode-se notar que a configuração política da época, e a posição de Júlio de Castilhos no romance estão de acordo com a realidade, ou seja, Verissimo reconta a história da formação social gaúcha oficial em sua ficção a partir de várias perspectivas existentes na época narrada. Em outras palavras, *o fato histórico alimenta o projeto romanesco por meio de documentos primários, uma opção de técnica narrativa que não pode ser desprezada quando se sabe que o escritor tinha como projeto romanesco (re)contar a história da formação da sociedade gaúcha*¹²³ (2015, p.12).

Durante os debates, o leitor fica a par de algumas diferenças que se configurariam na sociedade quando fosse concretizada a implantação da república, como, por exemplo, a substituição de províncias por estados autônomos, os quais seriam unidos politicamente, a instalação de um senado temporário (na monarquia o senado era vitalício), o direito ao voto estendido a uma maior parte da população (no romance não faz menção de que não se trata do voto secreto, como atualmente ocorre nas eleições, desta forma haveria óbvia possibilidade de fraude), a separação da igreja e do estado, o fim do poder moderador, entre diversos outros.

Visto que o narrador acompanha apenas os discursos dos republicanos, o romance de Verissimo mostra basicamente os pontos positivos e gloriosos dessa nova forma de governo e um engrandecimento de Castilhos como sendo *o maior escritor político do Brasil*¹²⁴ (2013, p.554). Por sua vez, quem estava no polo oposto desta tensão política, os Amarais, eram os vilões, conforme a perspectiva apresentada ao leitor através das falas dos Cambará e seus aliados. Segundo alegação de Licurgo, a linhagem de Ricardo Amaral preferia governar e

¹²² BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. Literatura e História: o entrecruzamento de discursos. In: ALVES, Francisco das Neves (Org.) TORRES, Luiz Henrique (Org.). **Pensar a revolução federalista**. Rio Grande: Editora da Furg, 1993, p. 99.

¹²³ ALVES, op. cit., p. 12.

¹²⁴ VERISSIMO, op. cit., p.554.

ficar no poder a defender causas políticas, mas a República levaria tanto a escravidão como o trono da família do fundador de Santa Fé e os Cambarás, por consequência, governariam. O dono do angico discursa também que a melhoria das condições dos cativos com o fim da imoralização escravagista e a reestruturação do governo estavam acima das lutas partidárias.

Percebe-se que, por mais que houvesse uma focalização na ação de determinados personagens da linhagem de Maneco Terra, os quais o leitor acompanhou a vida íntima desde o início da narrativa, eles não ficaram isentos de uma sutil crítica do narrador ao mostrar que tinham interesses em governar assim como seu arqui-inimigo. Não eram apenas figuras completamente honrosas com interesses exclusivos de promover o bem coletivo por mais que as falas de tais personagens sugerissem isso.

Os que não acreditavam que a instauração da república fosse melhorar o país não eram apenas os desafetos da família de Ana Terra, alguns dos próprios agregados dos Terra-Cambará, os mesmos que não viam com bons olhos a abolição, não acreditavam que a nova forma de governo traria melhorias para a sociedade. Juvenal não acreditava que encontrariam na República melhor governante que o rei e Fandango dizia que a ela não mudaria as coisas.

O imperador no romance é alvo de poucos comentários, mas, quando citado, é feito de modo amistoso, como um homem excepcional. Algumas pessoas não admitiam falar em República, como o major Graça no trecho a seguir:

-Nosso imperador é um sábio e um santo – disse o militar. – Nossa monarquia é considerada no mundo inteiro uma verdadeira democracia. O prestígio do nosso soberano é conhecido nos países mais civilizados do orbe. Falar em república nesta hora é um crime, uma traição que deve ser punida com fuzilamento¹²⁵. (VERISSIMO, 2013, p.492)

O próprio Winter, um dos personagens mais centrados e realistas do romance, conforme já comentado, também simpatizava com o imperador:

Winter simpatizava com aquele imperador barbudo e paternal a respeito de quem se contava tantas histórias e anedotas. Havia ao redor dele uma aura de lenda. O médico observara também como a reputação de integridade de caráter do soberano influía poderosamente na vida social da nação. Era um exemplo de honradez e bondade a ser seguido. D. Pedro II como que dava a nota tônica ao ambiente moral do país. De certo modo – refletiu ainda Winter -, Sua majestade já fazia parte do folclore nacional como uma espécie de anti-Malasartes.¹²⁶ (VERISSIMO, 2013, p.490)

O escritor cruz-altense colocou o personagem Licurgo como protagonista de um movimento revolucionário que na história do Rio Grande do Sul teve singular importância por ter sido a guerra mais violenta que ocorreu no estado e provou que a implantação da república não foi aceita por unanimidade. Percorrendo resumidamente o raciocínio Sérgio Franco

¹²⁵ Ibidem, p. 492.

¹²⁶ Ibidem, p. 490.

(1993), trata-se de uma guerra civil entre republicanos (liderado por Júlio de Castilhos e apoiado pelo então presidente do país, Floriano Peixoto) e federalistas (liderado por Gaspar Silveira Martins) o qual foi uma sangrenta revolução entre oligarquias políticas que, apresentando visões próprias, almejavam ao poder. Ou seja, o republicanismo e o parlamentarismo não foram a principal razão que ocasionou o conflito e, em nenhum dos dois partidos, houve participação do povo nas formulações das ideias, apenas, obviamente, foram envolvidos nas batalhas corporais.

Moacyr Flores explica, em seu estudo sobre o tema, que a revolução federalista ocorreu numa sociedade em que havia marginalização do negro, abuso de poder, intolerância política, descaso com o povo, desemprego, etc. O interesse não estava na melhoria da organização social, não havia participação popular na formação da democracia do país (próprio de um golpe militar) e os problemas coletivos não estavam na pauta política nesta fase de transição. Este professor que analisa a situação social do estado nesta época comenta¹²⁷ (1993, p. 99):

No Rio Grande do Sul o povo esteve embutido no conflito por um novo regime como soldado ou como guerrilheiro, que seguia o chefe, sem convicções doutrinárias por ignorante, já que 74% da população do Rio Grande do Sul era analfabeta, conforme o censo de 1890.

Após a aplicação do golpe militar e da implantação da República, os aliados a Júlio de Castilhos reestruturaram toda a legislação de modo a possibilitar sua perpetuação no poder. O líder republicano montou uma constituição estadual a seu favor e, dentre as reformas, a participação popular pelo voto se estenderia a uma maior abrangência do povo, no entanto, as eleições seriam abertas, como já exposto neste trabalho, o que permitiria com facilidade fraudes, e que beneficiaria quem estivesse no comando do estado. Portanto, para os federalistas, o único modo de retomada do poder era por luta armada, que iniciou com a volta do líder liberal ao estado em 1893.

Erico projeta no livro as duas visões da revolução de 93 através das vozes dos personagens, a dos republicanos e a dos federalistas, dando mais ênfase àqueles, por ser o foco narrativo do romance¹²⁸, como já comentado. Em ambos os lados, há o reconhecimento da força do oponente, como, por exemplo, demonstrado através das exposições do narrador sobre os pensamentos de um federalista que, mesmo sentindo estima pelas pessoas que são

¹²⁷ FLORES, op. cit., p. 99.

¹²⁸ Em outras passagens do romance, o foco narrativo se atenta apenas aos Terra-Cambará, pois o leitor não tem conhecimento dos pontos de vista dos Amarais, por exemplo. Por sua vez, ao abordar a revolução federalista, o escritor apresentou as visões tanto dos capangas dos chimangos, quanto dos maragatos.

seus inimigos políticos e não estando de acordo com aquela guerra cruel, executa sua tarefa naquele ambiente de guerrilha. Ele (2013, p.444) lamenta esta situação:

Liroca está de novo no seu posto, no alto da torre. (...) Ao despertar olhou para o Sobrado e viu um homem à janela da água-furtada; reconheceu Licurgo. Teve vontade danada de gritar:” Ó Curgo! Então como vai a coisa por aí?”. Mas ficou calado, porque inimigo é inimigo. Qual! Se fossem inimigos de verdade sua obrigação era meter uma bala na cabeça do outro. Muito fácil: bastava dormir na pontaria e – pei! – era uma vez um tal de Licurgo Cambará. Muito bonito. O Rodrigo e o Toríbio ficariam órfãos, d. Alice enviuvava, Maria Valéria perdia o cunhado. E ele, José Lírio, ia carregar pelo resto da vida o peso daquele remorso.¹²⁹

Fandango, um dos agregados do chefe republicano, admite a crueldade daqueles que estão do seu lado neste campo de força política e narra fatos verídicos enquanto se desenvolve a ficção, exemplificando novamente que a literatura de Erico se valeu de histórias verídicas da composição do Rio Grande do Sul para construir seu texto literário e demonstra atrocidades que não eram admitidas nos discursos oficiais, como no trecho a seguir:

Fandango pensa nas gargantas abertas que viu desde que a revolução começou. Curgo vive dizendo que os maragatos são bandidos. Mas qual! Todo mundo sabe que existe gente boa e gente ruim dos dois lados. Ele se lembra do Boi Preto, onde a Divisão do Norte pegou duzentos federalistas dormindo num acampamento e liquidou todos a arma branca. (...) Uma sangueira braba, uma perda horrível de vidas, de dinheiro e de tempo!¹³⁰ (VERISSIMO, 2013, p. 619)

São reconhecidos os atributos dos adversários políticos também nos diálogos de uma mulher, Maria Valéria, que faz parte da família disseminadora das ideais republicanos e se encontra, assim como os homens, no centro desta guerra civil: “- O senhor sabe que eles (os federalistas) são bons e tão valentes como os republicanos. É a mesma gente, só que com ideias diferentes.”¹³¹ (VERISSIMO, 2013, p. 26)

Ou seja, ambos os grupos eram valentes, com perspectivas políticas distintas pelas quais lutavam, embora visassem aos mesmos objetivos: o de governar. Porque na verdade estavam naquela guerra da mesma forma, usando dos mesmos meios, como a resistência física, para obrigar o seu oponente a se render e, por consequência, vencer o cerco e manter a honra de ter dominado seu inimigo político.

O escritor cruz-altense apresentou todas estas faces da guerra, suas batalhas íntimas e apresentou ao leitor uma das repercussões inevitáveis desta forma brutal de se resolver os conflitos, independentemente de seu resultado: a quantidade de vidas que se perdeu, homens que, na maioria das vezes morreram inutilmente por suas ideias.

¹²⁹ VERISSIMO, op. cit., p. 444.

¹³⁰ Ibidem, p. 619.

¹³¹ Ibidem, p.26.

No enredo, o principal líder republicano e primeiro intendente pelo voto em Santa Fé, Licurgo, assume para si mesmo este desperdício de vidas em nome de uma convicção:

É desagradável ver esses cristãos insepultos, entregues às moscas, ou então à mercê dos cachorros vadios que às vezes vêm cheirá-los e lambe-lhes as caras. (...) Por que morreram? Pelo seu partido, pelas suas ideias – está tudo muito bem. Lutaram como homens. Mas acontece que sua morte foi inútil, agora que a revolução se aproxima do fim e os federalistas estão perdidos.¹³² (VERISSIMO, 2013, p. 25)

Como se pode perceber, em *O tempo e o vento*, foi retratada a guerra mais sangrenta que ocorreu nas terras gaúchas, cujos rumores surgiram a partir do golpe militar que implantou a república no Brasil no final do século XIX, o que semeou ódio entre os grupos opostos até impossibilitar o convívio no mesmo ambiente de ambas as congregações.

Assim como ocorreu fora da ficção e foi pouco retratada, nesta narrativa houve figuras que se desfilaram de um partido e passaram a compor o oposto, quando as causas mudavam e não condiziam mais com as perspectivas de cada um, ou de acordo com melhores vantagens que beneficiariam interesses particulares, modo o qual sempre foi desenvolvido o cenário político no Brasil. Esta face fluida do mundo político é representada na narração pela figura de Toríbio Rezende, primeiramente um feroz defensor republicano, que inclusive disseminou tais ideias no filho de Luzia Silva, mas acabou intercedendo por ideias federalista, uma vez que passou a não concordar com os métodos republicanos e acreditou que, caso se opusesse, poderia, juntamente com os legalistas, tirar o Rio Grande da ditadura a qual se encontrava. (VERISSIMO, 2013)

Este capítulo demonstra as aproximações entre o percurso histórico do Rio Grande do Sul nos últimos anos do século XIX e as ações e diálogos dos personagens em função dos conflitos políticos e armados que ocorreram no romance. Como se pode perceber, trata-se de uma sociedade sem identidade e sem direito de cidadania que estava acostumada a esperar por providências do governo que, normalmente, preocupava-se apenas com os interesses particulares. A guerra marcou o caráter desta sociedade que, desde sua origem, esteve cercada por tensões relacionadas à proteção do espaço e encontrou dificuldade em conviver com o diferente, porque a cultura e a opinião distinta da sua era motivo para gerar hostilidade.

Erico Verissimo retratou no romance, além de adversidades locais, problemas humanos universais, como a crueldade, a indiferença das pessoas perante o sofrimento do outro e a disputa por poder. Em outras palavras, o leitor de *O tempo e o vento* divide a tensão com seus personagens desde questões cotidianas, como uma roda de conversa entre amigos, até questões mundiais que fizeram parte de debates em diferentes épocas e países, como o fim

¹³² Ibidem, p. 25.

do trabalho escravo. E o mais interessante: ambos dilemas se complementam no romance e se interlaçam de um modo que só um escritor do porte de Verissimo consegue representar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Este trabalho teve o objetivo de demonstrar as aproximações entre a história e a literatura na obra máxima de Erico Verissimo, *O Continente*, primeira seção de *O tempo e o vento*. Com a impossibilidade de abordar todo o campo histórico que o autor fez uso em seu romance, foram eleitos os percursos preponderantes para a construção étnica do povo sul-riograndense.

Verificou-se nesta análise questões relevantes extraliterárias que auxiliaram no estudo deste texto ficcional, como, por exemplo, o fato do autor considerar-se um contador de histórias, o que lhe fornecia uma maior liberdade para poder armar seus enredos unindo a sua criatividade e aspectos verídicos que existiram durante a formação do estado, quando isto lhe conviesse. Enquanto isto, especificamente no romance estudado, Verissimo desmistificou a história do Rio Grande do Sul que por vezes foi contada a partir da versão mais benéfica aos detentores do poder ou simplesmente de maneira mais ufanista ou inexpressiva que a realidade.

Em outras palavras, o autor ficcionalizou a história do Rio Grande do Sul de sua forma, a partir de suas vivências e de suas pesquisas, de modo que se ajustasse verossimilmente com a vida dos personagens, que sempre estiveram no plano principal do enredo. Portanto, houve um esforço de demonstrar no presente estudo esta composição que narrou 150 anos da terra gaúcha a partir de um ponto de vista inusitado e possível apenas em mãos do porte de Erico Verissimo.

O estudo foi dividido em quatro temas principais e discorreu sobre os seguintes debates: abordou a relevância das missões jesuíticas na formação étnica do estado e a forma que o povo indígena foi apresentado a partir da visão do cruz-altense. Pedro missioneiro foi o vassalo ficcional do enredo com atributos antagônicos, uma vez que se tratou de um guerreiro e de um submisso, o que lhe causou sua morte. Ou seja, o leitor de *O Continente* apreciou através da ficção a contribuição cultural missioneira ao povo gaúcho.

Em seguida, a Revolução Farroupilha - divisor de águas na composição da então província de São Pedro - esteve em cena no romance e teve espaço no presente estudo, que fez uma explanação geral das contradições e dos propósitos dos reivindicadores, a partir da visão de historiadores, assim como apresentou o retrato de tal fato a partir da perspectiva do escritor de *O tempo e o vento*. Posto no cenário principal deste momento histórico, o

personagem Rodrigo Cambará, cujo papel foi significativo como representante da desmistificação da figura do gaúcho, pois detinha características que iriam contra tal protótipo romanticamente descrito até então, foi também um dos protagonistas mais cativantes da literatura brasileira.

Adiante, foi exposta nesta investigação a importância da imigração alemã na formação social, cultural e étnica dos habitantes do extremo sul do Brasil e sua representatividade no romance, o qual teve como protagonista Carl Winter, um personagem singular na obra. Através dele, o leitor percebeu as distinções entre grupos culturalmente desiguais que necessitaram se adaptar para conseguir conviver e, por consequência disto, a nossa sociedade atual possui comportamentos de ambas as linhagens, alguns já adaptados ao ambiente e à época de existência, outros, a maioria das pessoas hoje sequer têm conhecimento de sua origem.

Por fim, mas não menos importante, a pesquisa feita aqui tratou sobre três questões históricas diretamente relacionadas, a saber: a abolição, a república e a revolução federalista. Licurgo Cambará, o personagem em destaque nestes momentos cronológicos do livro, também é a figura central na vida da família Terra-Cambará e o detentor da voz de comando. Aqui, o autor já expõe a efetiva ascensão social desta linhagem que, inicialmente, havia começado sua vida em terras cedidas enquanto recebiam ordens de modo servil.

A partir das leituras e análises feitas no percurso do trabalho foi possível concluir que Erico Verissimo apresentou na sua ficção o percurso social e étnico da sociedade sul-riograndense diferentemente do modo usual que até então eram expostos. Ele apresentou perspectivas inauditas, a partir da ótica dos desfavorecidos, os quais, ao passar do tempo, conquistaram espaço social e detiveram poder. A partir da sua *contação de história*, Erico apresentou fascinantemente, num mesmo texto, a constituição da família Terra-Cambará e da sociedade gaúcho no qual uma não sobreviveria sem a outra no romance sem perder a qualidade narrativa, projeto que só poderia ser executado com o êxito que fora se feito através de um dos maiores escritores brasileiros.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Francisco das Neves (Org.) TORRES, Luiz Henrique (Org.). **Pensar a revolução federalista**. Rio Grande: Editora da Furg, 1993.

ALVES, Marcio Miranda. **Escravos, republicanos e imprensa política em O Continente**. Signótica, v. 27, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/33721>>. Acesso em: 31 jan. 2017.

AQUINO, Ivânia Campigotto. **A representação do imigrante alemão no romance sul-riograndense: A divina pastora, Frida Meyer, Um rio imita o reno, O tempo e o vento e A ferro e fogo**. 2007. 300 f. Tese (Doutorado em literatura brasileira, Portuguesa e Luso-Africana). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp051516.pdf>>. Acesso em: 08 dez 2016.

ARENDDT, João C.; CONFORTO, Marília. Cruzamentos: a representação da história no texto literário. In: BATTISTI, Elisa (Org.); CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). **Cultura regional: língua, história e literatura**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004. Cap. 6.

BALZAN, Carina Fior Postinger. **Carl Winter: um alemão em Santa Fé**. 2008. 191 f. Tese (Mestrado em Literatura e Cultura Regional). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/291/Dissertacao%20Carina%20F%20P%20Balzan.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 21 dez 2016.

BATTISTI, Elisa (Org.); CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). **Cultura regional: língua, história e literatura**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. Literatura e História: o entrecruzamento de discursos. In: ALVES, Francisco das Neves (Org.) TORRES, Luiz Henrique (Org.). **Pensar a revolução federalista**. Rio Grande: Editora da Furg, 1993, Cap. 11.

BERTUSSI, Lisana Terezinha. Literatura e história: uma retomada do diálogo problemático. In: BATTISTI, Elisa (Org.); CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). **Cultura regional: língua, história, literatura**. Caxias do Sul: Editora EDUCS, 2004, cap. 10.

BORDINI, Maria da Glória. **Criação literária em Erico Verissimo**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1995.

_____. (Org.). **Caderno de pauta simples: a literatura de Erico Verissimo e a crítica literária**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2005,

BRIZOTTO, Bruno. **O entrecruzamento entre história e literatura: o caso de “Lenço encarnado”**. Revista ideias, Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/revistaideias/arquivos%20pdf%20revista%2027/o%20entrecruzamento%20entre%20historia%20e%20literatura.pdf>>. Acesso em: 24 jan 2017.

CHAVES, Flávio Loureiro. **Erico Verissimo: o escritor e seu tempo**. 1 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001.

- _____. **História e literatura**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1991.
- _____. O narrador como testemunha da história. In GONÇALVES, Robson Pereira (org). **O Tempo e o Vento: 50 anos**. SP, RS: EDUSC e Editora UFSM, 2000, cap. 05.
- _____. A história vista pela literatura. In: BATTISTI, Elisa (Org.); CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). **Cultura regional: língua, história, literatura**. Porto Alegre: Editora EDUCS, 2004, cap. 01.
- EUGENIO, Cristiane de Oliveira. **A manifestação do mítico em “O Continente I”: da construção da narrativa à caracterização das personagens**. Revista Signo, Santa Cruz do Sul. v. 40, p. 92-110, n. 68, dez. 2015. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/4965/pdf_11>. Acesso em 13 set 2016.
- FLOR, Telmo. A culpa é nossa. In: GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luís Augusto. **Nós, os gaúchos**. 2º ed. Porto Alegre: Ed da Universidade/ UFRGS, 1998, cap. 11.
- FLORES, Moacyr. 1893: o imaginário da república no Rio Grande do Sul. In: ALVES, Francisco das Neves (Org.) TORRES, Luiz Henrique (Org.). **Pensar a revolução federalista**. Rio Grande: Editora da Furg, 1993, cap. 12.
- FRANCO, Sérgio. Panorama geral da revolução federalista. In: ALVES, Francisco das Neves (Org.) TORRES, Luiz Henrique (Org.). **Pensar a revolução federalista**. Rio Grande: Editora da Furg, 1993, cap. 1.
- GAMA, Basílio da. **O Uruguai**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2009.
- GIACOMOLLI, Dóris Helena Soares da Silva. **Masculinidades em conflito em Um certo Capitão Rodrigo: da luta pela hegemonia à masculinidade mitificada**. 2015. 114 f. Tese (Mestrado em Literatura comparada). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/ppgl/files/2015/07/Masculinidades-em-conflito-em-Um-certo-Capit%C3%A3o-Rodrigo-da-luta-pela-hegemonia-%C3%A0-masculinidade-mit.pdf>. Acesso em: 19 out 2016.
- GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luís Augusto. **Nós, os gaúchos**. Porto Alegre: Ed da Universidade/ UFRGS, 1998. 253 p.
- GREGORY, Valdir. **Imigração alemã no Brasil**. Cadernos Adenauer, Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2013. Disponível em: <<http://www.kas.de/wf/doc/10985-1442-5-30.pdf>>. Acesso em: 9 dez 2016.
- GONÇALVES, Robson Pereira (org). **O Tempo e o Vento: 50 anos**. SP, RS: EDUSC e Editora UFSM, 2000.
- GUTFREIND, Ieda. **A historiografia sul-rio-grandense**. 2. Ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS. 1998.
- HOHLFELDT, Antônio. **Literatura e vida social**. 1 ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS. 1996.
- HOMERO. **Ilíada**. 2009 e-book Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/iliadap.pdf>. Acesso em 28 de agosto de 2016.

JUNIOR, José Leão Alencar. **História como ficção: a confecção narrativa da história da literatura.** Revista de letras, Ceará.: Ed. da universidade de Ceará, 1990/ 1993. v.1, 1978.

MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl. **Alemanha, mãe-pátria distante: utopia pangermanista no sul do Brasil.** 1993. Tese (Doutorado em história). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

MARINHO, Maria de Fátima. Os interstícios da história em *O tempo e o Vento*. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). **Caderno de pauta simples: a literatura de Erico Verissimo e a crítica literária.** Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2005, cap. 20.

MARQUES, Mariana Lima. A dominação no continente: dominação pessoal e patrimonialismo analisados com base nas primeiras páginas de “O Tempo e o Vento”. In: **Encontro Anual da Anpocs**, 34, 2010, São Paulo. ST16: Intelectuais, cultura e democracia, Campinas: Unicamp. 2010. v. 1, p. 1-15. Disponível em: <<http://www.anpocs.org/index.php/papers-34-encontro/st-8/st16-6/1496-mmiques-a-dominacao/file>> Acesso em: 17 dez 2016.

MORAES, Carlos Dante. A tradição Rio-Grandense na obra de Erico Verissimo. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.) **Caderno de pauta simples: a literatura de Erico Verissimo e a crítica literária.** Porto Alegre: Instituto estadual do livro, 2005, cap. 6.

NABUCO, Joaquim. **O abolicionismo.** 5 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

NEUMANN, Eduardo Santos. Práticas de escrita indígena nas reduções no século XVIII. In: QUEVEDO, Júlio (Org.). **Missões: reflexões e questionamentos.** Santa Maria: Editora Caxias, 2016, cap. 6.

OLIVEIRA, Nayara de; FERNANDES, Márcio Ronaldo Santos. A construção da identidade heroica na personagem Capitão Rodrigo Cambará na obra *O Continente*, de Erico Verissimo. In: **Encontro de produção científica e tecnológica.** n. 7, 2013, Paraná. Anais. Centro-Oeste: Universidade Estadual do Paraná, 2013. Disponível em: http://www.fecilcam.br/nupem/anais_viii_epct/PDF/TRABALHOS-COMPLETO/Anais-LLA/03-NOLIVEIRAtrabalhocompleto.pdf Acesso em: 18 ago 2016.

PINSKY, Jaime. **A escravidão no Brasil.** 21. ed. São Paulo: Editora contexto, 2010. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Escravid%C3%A3o-no-Brasil-Jaime-Pinsky-ebook/dp/B00AEFU4MU/ref=sr_1_2?ie=UTF8&qid=1487616615&sr=8-2&keywords=pinsky>. Acessado em: 09 jan 2017.

POMMER, Arnildo; POMMER, Roselene Gomes. Missioneirismo: Breve relato histórico da busca de uma identidade regional. In: QUEVEDO, Júlio (Org.). **Missões: reflexões e questionamentos.** Santa Maria: Editora Caxias, 2016, cap. 3.

PRITSCH, Eliana Inge. “A Fonte”, em *O Continente*: Fundação Histórica e Literária. Revista Ciências e Letras, Porto Alegre, p.76-94, n.38, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://www1.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista38/art7.pdf?origin=publication_detail>. Acesso em: 04 out 2016.

QUEVEDO, Júlio. (Org.) **Missões: reflexões e questionamentos.** Santa Maria: Caxias, 2016.

REICHEL, Heloisa Jochims. A identidade Sul-Rio-Grandense no imaginário de Erico Verissimo. In: GONÇALVES, Robson Pereira (Org.). **O tempo e o vento: 50 anos**. Santa Maria. Editora UFSM, 2000. Cap. 15.

RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. **A releitura do passado farroupilha no IHGB (1921–1935): memória republicana e legitimidades intelectuais**. Revista Tempo, Porto Alegre, v. 19, p. 161-183, n. 35, dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v19n35/aop_mr0055_13.pdf>. Acesso em 8 jan 2017.

RÜCKERT, Fabiano Quadros. **A colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul: uma abordagem na perspectiva da História Comparada**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, São Leopoldo, v. 5, p. 203-225, n. 10, dez. 2015. Disponível em: <<https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/196>>. Acesso em 17 dez 2016.

SANTOS, Júlio Ricardo Quevedo dos. Vivências e experiências indígenas nas missões orientais do Uruguai. In: QUEVEDO, Júlio (Org.). **Missões: reflexões e questionamentos**. Santa Maria: Editora Caxias, 2016, cap. 4.

SAUTHIER, Ademar Agostinho. **Liberdade e compromisso: O Tempo e o Vento** de Erico Verissimo. 1. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1989. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/liberdadeecompromisso.pdf>>. Acesso em: 04 jan 2017.

SOUZA, José Otávio Catafesto de. Os MBYÁ-GUARANI: Impasses das políticas Indigenistas no sul do Brasil. In: QUEVEDO, Júlio (Org.). **Missões: reflexões e questionamentos**. Santa Maria: Editora Caxias, 2016, cap. 1.

TORRONTEGUY, Teófilo Vasconcelos Otoni. A abolição da escravatura a serviço da república – Leitura política do episódio Ismália Caré. In: GONÇALVES, Robson Pereira (Org.). **O tempo e o vento: 50 anos**. Santa Maria. Editora UFSM, 2000. Cap. 16.

VERISSIMO, Erico. **O tempo e o vento parte I – O Continente vols. I e II**. 4 ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2013.

WAGNER, Claudia Raquel. **O mito do gaúcho e sua desconstrução em O Continente: uma análise do personagem Capitão Rodrigo Cambará**. Revista desenredos, Teresinha, p. 1-9, n. 13, abr./jun. 2012. Disponível em: <http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/13_-_artigo_-_claudia_wagner.pdf>. Acesso em: 03 set 2017.

ZALLA, Jocelito; MENEGAT, Carla. **História e memória da Revolução Farroupilha: breve genealogia do mito**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 31, p. 49-70, n. 62, mar. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v31n62/a05v31n62.pdf>>. Acesso em: 31 out 2016.

ZILBERMAN, Regina. O romance em zona de transição. BORDINI, Maria da Glória (Org.). **Erico Verissimo o escritor no tempo**. Porto Alegre: Sulina, Secretaria municipal de Cultura, Acervo literário de Erico Verissimo/CPL/PUCRS, 1990.